

# **O BILONTRA**

**de Artur Azevedo**

Revista fluminense

do ano de 1885

em 1 prólogo, 3 atos

e 17 quadros

Em colaboração com Moreira Sampaio

Música de diversos autores

1886

Representada pela primeira vez no

Teatro Lucinda do Rio de Janeiro,

Em 29 de janeiro de 1886.

Empresa Braga Júnior

Ao Peixoto

Com os argumentos de

Artur Azevedo

[e]

Moreira Sampaio

<i>PERSONAGENS</i>	<i>ATORES</i>
FAUSTINO.....	Senhor Colás
O TRABALHO.....	Senhor Gama
O COMENDADOR CAMPELO.....	Senhor Martins
ALEXANDRE.....	Senhor Eugênio Saenz
RIBEIRINHO, O INSPETOR, O ENTRUDO, UM TITULAR , O CONDE DE MONTE CRISTO, BAR- GOSSI, UM SUJEITO QUE ANDA Á PROCURA DA COMPANHIA MONTEDEÔNIO, UM ESQUELETO, UM COROADO, 1º MENINO .....	Senhor Peixoto
O XADREZ, 1º ZÉ, O BALÃO JÚLIO CÉSAR, A TRAGÉDIA , UM EMPRESÁRIO ITALIANO, O <i>DIÁRIO PORTUGUÊS</i> , 1º PROPRIETÁRIO DE CAVALOS, O POLÍCIA NOTURNO.....	Senhor Santos Silva
O JOGO, O A., O DRAMALHÃO, UM ATOR ITALIANO, O <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i> , 1º PROPRIETÁRIO DE CAVALOS.....	Senhor Germano
UM DOUTOR, UM VIAJANTE, O RECREIO DA CIDADE NOVA, GAMBÁ, <i>SPORTMAN</i> .....	Senhor Filipe
UM CORTESÃO, 1º BANHISTA, RAFANI, <i>O BRASIL</i> , UM HOMEM DO POVO, UM MESTRE- ESCOLA.....	Senhor Mesquita
ANACLETO, UM EMPREGADO DO CONSULADO PORTUGUÊS, 2ºZÉ, UM PAI, O CAPITÃO VOYER,1º ESPECTADOR, UM MACACO, UM BARRAQUEIRO.....	Senhor Louro
JOSÉ, 2º BANAISTA, 3ºZÉ, UM NOIVO, UM NOÇO DE RECADOS, 2º PROPRIETÁRIO DE CAVALOS.....	Senhor José Maria
2º CAIXEIRO, 2º EXPECTADOR, UM CRIADO.....	Senhor Canedo
UM VENDILHÃO, UM MORCEGO, UM CRIOULO.....	Senhor Langlois
UM SENHORIO, 4º ZÉ, 1º EMPRE- GADO DO TEATRO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA.....	Senhor Esperança
UM ALFAIATE, 2º EMPREGADO DO TEATRO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, O CONTRA- REGRA.....	Senhor Guimarães

3º BANHISTA.....	Senhor Ângelo	
UM ESPECTADOR.....	Senhor Fernandes	
2º <i>SPORTMAN</i> .....	Senhor Ferreira	
2º MENINO.....	Menino Pedro	
UM GÊNIO QUE PEDE ESMOLAS PARA AS FESTAS DA INDEPENDÊNCIA, 1º		
MENINO RICO.....	Menino João	
JOGATINA.....	Mademoiselle	Rosa
Villiot		
A OCIOSIDADE, MA MUSA DO POVO, O CARNAVAL, A ÓPERA, <i>A SEMANA</i> .....		
	Dona Hermínia	
CAROLINA.....	Dona Jacinta	de
Freitas		
MADEMOISELLE GRICHARD, A OPERETA, <i>A REVUE COMMERCIALE, FINANCIÈRE</i> <i>ET MARITIME</i> .....		
	Madame Blanche	
A LOTERÍA, A ILUSTRÍSSIMA.....	Dona Elisa	
A MÁGICA, MADAME BARGOSSÍ, <i>A FOLHA</i> <i>NOVA</i> , A ABÓBORA .....		
	Dona Candelária	
UMA NOIVA, A CENOURA.....	Dona Casimira	
UMA ATRIZ ITALIANA .....	Dona Delva	
1º CAIXEIRO.....	Dona Rosália	
A VERMELHINHA, A PULE, A PRETA DOS PASTÉIS, A VÍSPORA, O PACAU, O CÂMBIO, <i>O GÊNIO DO FOGO</i> , O BURRO DE CARGA, A RELIGIOSA BESTA, O CÃO SEM DONO, O GATO ESCALDADO, O BODE EXPIATÓRIO, UM HOMEM SEM CABEÇA (Personagens mudos).....		
	N.N	

Credores, Cortesãos, Loterias, Décimos, Vigésimos, Banhistas, Urbanos, Morcegos, Capoeiras, Trabalhadores, Zes, Máscaras, Foliões Carnavalescos, *Estudantes*, Caixeiros, Soldados, Jornalistas, Músicos, Bombeiros, As horas, Espectadores, Autoridades, Empregados do Teatro de São Pedro de Alcântara, *Sportmen*, Proprietários de Cavalos, Hortaliças e Legumes, Barraqueiros, Figueiros, Meninos, Bichos etc, etc.

Músicas de diversos autores, coordenada, instrumentada e ensaiada pelo Senhor Gomes Cardim, regente da orquestra. Cenários dos Senhores Orestes Coliva, Carrancini, Zenotti e Frederico de Barros, Vestuários desenhados pelo Senhor Aluísio Azevedo e executados por Dona Maria Lima. Adereços do Senhor Domingos Costa. Maquinismos do Senhor Vieira. *Mise-em-scène* do Senhor Adolfo de Faria.

## PRÓLOGO

## QUADRO I

*Sala em casa de Faustino*

### CENA I

FAUSTINO *depois um* CRIADO

FAUSTINO (*Dirigindo-se à esquerda*) – José! Ó José!

O CRIADO (*Entrando*) – Meu amo?

FAUSTINO – Levaste a carta ao Comendador?

O CRIADO – Levei, sim, senhor

FAUSTINO – O diabo! (*Indo puxar o relógio, que não encontra*). Esquecia-me de que o pus ontem no prego.

O CRIADO – Deram duas há pouco

FAUSTINO – Bem, podes retirar-te

O CRIADO – E o jantar?

FAUSTINO – Que jantar?

O CRIADO – O jantar pra gente.

FAUSTINO (*Embaraçado*) – O jantar... oh! sim... o jantar...Homem, pra falar a verdade, não tenho fome. (*A parte*). Nem com que matá-la.

O CRIADO – Mas eu...

FAUSTINO – Tu comerás logo, em qualquer casa de pasto...depois que o Comendador vier. Vai.

O CRIADO (*Que vai a sair, voltando.*) – Ah! É verdade, vieram há pouco dois homens, assim, com modos de meirinhos...

FAUSTINO – Hein? Meirinhos?!

O CRIADO – Ou coisa parecida.

FAUSTINO – Não estou em casa, estás ouvindo? Se voltarem, não estou em casa!

O CRIADO (*Saindo, à parte*) – Isto vai mal! Se as coisas não mudarem, piro-me!  
(*Sai*)

### CENA II

FAUSTINO *só, depois* RIBEIRINHO e ANACLETO

FAUSTINO (*Pensativo*) – Meirinhos...Não há que ver: foi o senhorio! Foi ele com certeza! O senhorio ou o alfaiate...Daí, quem sabe? Talvez seja o maldito taverneiro...O taverneiro? Qual! é O Sousa da loja de calçado! Cuidado! é preciso que não se apanhem descalço (*Aparecem ao fundo os dois meirinhos, que espiam cautelosamente*). Só o Comendador poderá salvar-me. Creio que não hesitará em emprestar-me os quinhentos mil réis que lhe mandei pedir.

RIBEIRINHO – Vossa senhoria dá licença?

ANACLETO – Criado de Vossa Senhoria

FAUSTINO (*À parte, sucumbindo*) – Bonito!... (*Cai sentado numa cadeira*)

RIBEIRINHO (*Aproximando-se*) – Vossa Senhoria desculpe, mas nós viemos...

ANACLETO – Por causa daquela conta...

RIBEIRINHO – Da Casa Sousa & Companhia.

FAUSTINO – Não disse? É o homem das botas! Então, que pretendem?

RIBEIRINHO – É boa! Vossa Senhoria está fazendo de novas ! O importe...

FAUSTINO – Oh! uma miséria! Duzentos e quarenta mil réis, se não me falha a memória

RIBEIRINHO – Perdão de Vossa Senhoria, mas...com as custas...

FAUSTINO – Ah, sim, fui citado à semana atrasada

RIBEIRINHO – E apresentou atestado médico.

ANACLETO – Mas não comparecendo à última audiência...

RIBEIRINHO – Fui condenado a pagar

ANACLETO – Trezentos e oitenta e um mil réis.

FAUSTINO (*Com um pulo*) – Hein? quê?

RIBEIRINHO – E então ? Citação, contra-fé, juiz, escrivão, procurador, oficial de justiça, mandado, etc,etc,etc...

ANACLETO – Principalmente etc,etc

FAUSTINO – Os senhores não podem esperar até depois de duas e meia?

RIBEIRINHO – Não, senhor; temos ordem de proceder à penhora, o que vamos fazer imediatamente! (*Tira do bolso papéis e prepara-se para proceder à penhora*)

### CENA III

#### OS MESMOS, O CRIADO

O CRIADO (*Entrando*) – Meu amo, aí vem o Comendador (*À parte, vendo os dois meirinhos*). Ui! cá estão eles!

FAUSTINO – O Comendador?! Corre! Demora-o! Traze-o só quando eu chamar!

O CRIADO – Sim, senhor. (*Sai a correr*)

FAUSTINO (*a Anacleto*) – Senhor...

ANACLETO – Anacleto do Espírito Santo, criado de Vossa Senhoria...

RIBEIRINHO – O Ribeirinho, para o servir. Não há caloteiro que me não conheça ! Vossa Senhoria é o primeiro que ...

FAUSTINO (*Entre os dois*) – Meus amigos, pelo amor de Deus não me deem a perder! Escondam-se! É uma visita importante, que não os devem encontrar aqui.

OS DOIS – Mas...

FAUSTINO – Logo que o Comendador sair, vocês farão o seu dever. (*Tirando a corrente que não tem relógio*). – Tomem; é tudo o quanto possuo. (*À parte*) . É de plaquê. (*Alto*). Mas, pelo amor de Deus, escondam-se !

ANACLETO (*Depois de examinar a corrente, e de consultar Ribeirinho com os olhos.*) – Onde?

FAUSTINO – Ali, naquele quarto! (*Empurrando-os*). Depressa! (*O Comendador aparece ao tempo em que os dois se somem, e não os vê.*). Era tempo! – Ó Comendador! Vossa Excelência quis dar-se ao incômodo...

#### CENA IV

FAUSTINO, COMENDADOR, *depois* ANACLETO e RIBEIRINHO

COMENDADOR – O senhor tem um criado muito falador! A puxar conversa... a puxar conversa... Dir-se-ia que não queria me deixar entrar.

FAUSTINO (*Com sorriso contrafeito*) – Ora, Comendador! essa agora! É de costume daquele animal! Se eu ansiava pela vinda de Vossa Excelência! – Então, Excelentíssimo, queira sentar-se!...(Durante toda a cena, olha desconfiado pela porta por onde saíram os meirinhos).

COMENDADOR – Obrigado; mas desde que me negaram acento na Câmara dos Deputados, nunca mais me sentei em parte alguma! Só me hei de sentar quando for eleito! Foi um voto!

FAUSTINO – Vossa Excelência só teve um voto?

COMENDADOR – Não; foi um voto que fiz.

FAUSTINO – Ah! Mas deve ficar excessivamente fatigado.

COMENDADOR – Quando canso, deito-me. É por isso que não faço visitas de cerimônia. – Mas que tem o senhor? Acho-o assim com ares de espantado!

FAUSTINO – Não é nada... não é nada... É um ar encanado que vem daquela porta. Com licença (*Vai fechar a porta e volta*). Mas, como íamos dizendo... (*Senta-se e levanta-se logo*). Desculpe-me, Excelentíssimo! Vossa Excelência de pé e eu sentado: que distração!

COMENDADOR – Esteja à vontade: o senhor não fez nenhum voto, como eu.

FAUSTINO – O caso é que Vossa Excelência foi vítima da mais clamorosa injustiça de que há exemplo nos anais da Cadeia Velha!

COMENDADOR – Que quer o amigo? Fomos dois os eleitos pelo meu distrito.

FAUSTINO – Dois ?

COMENDADOR – Dois, sim, senhor; acha pouco?

FAUSTINO – Acho até demais!

COMENDADOR – Também eu. Eu fui o mais votado; *ergo*, fui o eleito; não?

FAUSTINO – Parece.

COMENDADOR – Mas o Lopes foi o reconhecido!

FAUSTINO – Ora o Lopes!

COMENDADOR – Ergo, foi o eleito; não?

FAUSTINO – Incontestavelmente. Mas qual dos dois teve o diploma?

COMENDADOR – Ambos. O dele, passado pela junta apuradora, e o meu por dois juizes de paz. Temos, por conseguinte, dois eleitos. Qual deveria ser a consequência lógica desta dualidade? Serem ambos reconhecidos pelo mesmo distrito dois ou três deputados. Houve esta lacuna na idéia-mãe. Entretanto, senhor presidente, que mal haveria no duplo ou no tríptico reconhecimento? Nem ao menos acréscimos de despesa pública, porquanto, cada um dos dois ou três eleitos, representando metade ou

um terço de deputado, venceria, em vez de cinquenta mil réis diários, vinte e cinco mil réis ou dezesseis mil, seiscentos e sessenta e seis réis!

FAUSTINO – Mas o Comendador em tal caso só teria direito à metade de um voto e talvez a um terço (*Os meirinhos de vez em quando espiam pela porta, que entreabrem*).

COMENDADOR – não elucidei ainda este ponto. Fá-lo-ei na primeira ocasião. – Ah! mas ficou-me uma satisfação: o meu partido, o Conservador...

FAUSTINO – Ah! Vossa Excelência é conservador?

COMENDADOR – Fui. Fui conservador até o terceiro escrutínio. Hoje sou liberal, ultraliberal, meu caro Senhor Faustino... Liberal da velha guarda!

FAUSTINO – Mas como ia dizendo: o Partido...

COMENDADOR – Qual deles? Ah! sim... o Conservador, ou antes, os meus ex-correligionários não concorreram com seu voto para a minha exclusão...

FAUSTINO – Então por que mudou de política?

COMENDADOR – Justamente por isso; para, da outra vez, obter os votos dos meus ex-adversários. No mais, não... Razões de queixa não tive. O Partido ofereceu-me até, bem como aos outros sacrificados, um jantar de oitenta talheres no Hotel do Globo.

FAUSTINO – Oitenta! Quanto mais se fossem reconhecidos!

COMENDADOR – Então, o caso muda de figura. Cada qual se contentaria com seu talher na mesa do orçamento.

FAUSTINO – Por falar em orçamento: Vossa Excelência trouxe?... (*Ouve-se no quarto barulho de louça que se quebra*).

COMENDADOR – Que é isto? (*Saem do quarto, assustados, Anacleto e Ribeirinho*).

FAUSTINO – Nada, Comendador, não faça caso. (*À parte*). Diabos os levem! (*Alto*). São dois amigos... (*Apresentando-os*). O Conselheiro Nóbrega e o Doutor Nóbrega Júnior, seu irmão... o Senhor Comendador Campelo...

COMENDADOR (*Desconfiado*) – não conheço.

FAUSTINO – Oh! não conhece Vossa Excelência outra coisa! O Conselheiro Nóbrega, velho advogado do nosso foro, onde honestamente adquiriu fortuna.

COMENDADOR – Ah!

FAUSTINO – Tem se distinguido muito por sua filantropia (*Baixo a Anacleto*). Não me desminta

ANACLETO (*Protestando*) Oh! Vossa senhoria...

FAUSTINO – Ainda ultimamente fez um importante donativo para o Asilo da Candelária.

ANACLETO – Uma bagatela! (*Os dois meirinhos sobem ao fundo, dando-se ares*)

COMENDADOR (*Baixo a Faustino*) – Pode ser que sejam grande coisa; mas a mim quer-me parecer que, com aqueles amigos, o senhor está livre de uma penhora.

FAUSTINO – Como se engana!

COMENDADOR (*Vendo as horas*) – Bem, deixo-os a gosto. (*Vai a sair*)

FAUSTINO – Perdão; mas a carta que tive a honra de...

COMENDADOR – Respondo em duas palavras. não disponho atualmente da quantia que me pede...mas, se precisa de dinheiro e quer fazer um bom negócio...como me disse que era amigo do ministro...e eu tenho um enorme desejo, confesso, de... de ser barão...arranje-me o título, e depois conversaremos.

FAUSTINO – Oh! mas Vossa Excelência...uma influência política!

COMENDADOR- Não quero pedir certas coisas...e depois, ainda não tomei pé no meu novo partido. Adeus, e desculpe. Obtenha-me o título e apareça. (*Sai, cumprimentando os dois meirinhos com muita cerimônia*).

## CENA V

OS MESMOS, *menos o COMENDADOR, depois ALFAIATE, o SENHORIO, o VENDILHÃO e outros CREDORES.*

*FAUSTINO – Vocês iam deitando tudo a perder! Filam-me uma corrente de ouro de lei, e vêm sem ser chamados!*

RIBEIRINHO – Perdão, mas um gato, que estava sobre a cômoda, assustado com a nossa presença, saltou em cima do lavatório e quebrou a bacia...

FAUSTINO – Mas este prejuízo....

ANACLETO – ...para os credores.

RIBEIRINHO – Nós, que não esperávamos pelo gato...

ANACLETO – Vossa Senhoria bem vê que... (*Entram os credores*)

## CORO DE CREDORES

*(Música de Gomes Cardim)*

É já pagar  
Sem mais tardar!  
Venha dinheiro,  
Ó caloteiro!  
O cobre já  
Venha de lá!

RIBEIRINHO e ANACLETO –

Ó meu Deus! para que tanto barulho!  
Para que serve gritar?

OS CREDORES – Vai haver um grande sarrabulho!

Ou há de já pagar,  
Ou damos-lhe a matar!

FAUSTINO – Quero pagar; porém,  
Não tenho aqui vintém!

O ALFAIATE – Tu para cá vens de carrinho!

O SENHORIO – Eu quero já o meu rico dinheirinho!

CREDORES – Zombar assim de nós não tem lugar!

Ou paga o que nos deve, ou damos-lhe a matar!  
É já pegar etc.

SENHORIO – Então mudava-se sem pagar?!

VENDILHÃO – Ao menos previne-se a gente!

FAUSTINO – Mudar-me, eu?!

ALFAIATE – Decerto; estão as carroças à porta.

FAUSTINO – As carroças?! Nesse caso, mudam-me, não sou eu que me mudo!

RIBEIRINHO- Somos nós, em virtude deste mandato...

TODOS – Uma penhora?! E nós?!

RIBEIRINHO – Vossas Senhorias usem dos seus direitos, que nós usamos dos nossos. (*À Anacleto*). Vamos! Mãos à obra!...

ANACLETO – Vou chamar os carregadores. (*Sai*)

FAUSTINO – Como? Sem mais formalidades? Sem ao menos relacionarem os móveis!

VENDILHÃO – Sem nada não fico eu! (*Carrega um móvel e sai*).

RIBEIRINHO – Mas, senhor!

ALFAIATE – Nem eu! (*Idem*)

SENHORIO – Quanto mais eu! (*Idem*).

OS OUTROS CREDORES – E eu! E eu!... (*Saem todos carregando os móveis da sala e do quarto, onde entram. Anacleto tem voltado com dois carregadores, que também levam o que podem levar. Quadro muito animado. A sala fica completamente despida*).

## CENA VI

### FAUSTINO, depois O TRABALHO

FAUSTINO (*Só*) – Consummatum est! Eis o último canto de um miserável poema que principiou no jardim do Santana, continuou num gabinete particular da *Maison Modern*, e acabará... sabe Deus aonde! Em seis meses meti o pau na minha legítima materna e no pouco que deixou meu pai. Aqui estou eu órfão, sem proteção, sem emprego, sem ofício, sem amigos, sem eira nem beira nem ramo de figueira. O Comendador falhou: a quem devo recorrer?

O TRABALHO (*Aparecendo*) – A mim!

FAUSTINO- Oh! que figura é esta? Quem és tu, e de onde vens?

TRABALHO – Sou aquele que nunca procuraste em tua vida.

FAUSTINO – Isso sei eu... e a prova é que não te conheço.

TRABALHO – Oxalá me conhecesses! Não chegarias onde chegaste!

FAUSTINO (*Vivamente*) – Trazes-me dinheiro? – Ah! já sei, és um usurário. Não importa; venha o cobre, seja qual for o juro!...

TRABALHO – Dizes bem, trago-te dinheiro, ou antes, o meio de adquiri-lo com meu auxílio.

FAUSTINO – Desembucha de uma vez! Queres ser meu fiador?

TRABALHO – Nem sequer me conheceste ainda. Eu sou...

FAUSTINO – Um patife, que há cinco minutos zomba de mim e dos apuros em que me vejo! Em suma, quem és?

TRABALHO – O Trabalho! (*Projeta-se-lhe no rosto um raio de luz*).

FAUSTINO – O Trabalho! Ah! Ah! Ah! É boa! Vai bater a outra porta, pai! Não é do trabalho que eu preciso: é de dinheiro. Dinheiro! – ouviste?

TRABALHO – Comigo ganharás.

FAUSTINO – Nada! Dispensó! Vai-te! Levaria muito tempo, e eu preciso de dinheiro quanto antes. Muito dinheiro, a juro barato e prazo longo, como a lavoura.

TRABALHO – Com quê, desgraçado...

FAUSTINO – Ora, não me aborreças! Olha que para a mostarda subir-me ao nariz não preciso muito!

TRABALHO – Ameaças-me?

FAUSTINO – Ou dinheiro, ou rua!

TRABALHO – Vem comigo, e daqui a oito ou dez anos...

FAUSTINO – Ó mariola! Divertes-te à minha custa! Já! Rua! (*Dá-lhe um pontapé*)

TRABALHO (*Levando a mão à parte ofendida*) – Está bem, saio! Mas encontrarmos-nos ainda! Dia virá em que te arrependas amargamente do pontapé que deste no Trabalho! (*Vai a sair*).

FAUSTINO (*Algum tanto arrependido*) – Olha, vem cá... escuta... (*Entra a Ociosidade*).

## CENA VII

### OS MESMOS, a OCIOSIDADE

OCIOSIDADE – Deixa-o ir... não te arrependerás... Eu te salvarei!

FAUSTINO – Cáspite. Falem-me disto! Contigo irei até o inferno... logo que saiba quem és e o que desejas.

OCIOSIDADE – Eu sou a Ociosidade! (*A cena fica repentinamente escura*).

TRABALHO – A mãe de todos os vícios!

OCIOSIDADE – E de todos os prazeres!

TRABALHO – Ao passo que eu sou o pai de todas as virtudes!

OCIOSIDADE – E de todas as sensaborias.

FAUSTINO – Safa! que tendes ambos a bossa paterna muito desenvolvida!

OCIOSIDADE – Ouve...

### *Coplas*

É por intriga,  
Por balda antiga,  
Que me fustiga  
Este grande ratão!  
Não me perdoa,  
Mas me magoa,  
Me amaldiçoa,  
Não sei por que razão.  
Quem passa a vida  
De perna alçada,  
Sem fazer nada,  
Há de ser bem feliz,  
Pois é negócio,  
Neste país,  
Viver entregue ao santo ócio!

(*Declamando*) Assim pois...

Faustino, vem comigo já!  
O que eu te dou ninguém te dá,  
Nem te dará!

TRABALHO – Agora eu, minha rica senhora...

## II

Nesta batalha  
Quem não trabalha  
Nem a mortalha  
Ao menos pode obter;  
É condenado,  
É reprovado,  
Vituperado:  
Só lhe resta morrer!  
Foge ao perigo!  
Se vens comigo,  
Se és meu amigo,  
Inda será feliz!  
Não é negócio,  
Neste país,  
Viver entregue ao santo ócio!

(*Declamando.*)

Por conseguinte...  
Faustino, vem comigo já!  
O que eu te dou, ninguém te dá,  
Nem te dará!

AMBOS – Faustino, vem comigo já! etc.

FAUSTINO (*À Ociosidade*) – Decido-me por ti, que és bela!

OCIOSIDADE – Vamos...

FAUSTINO – Aonde?

OCIOSIDADE – Ao Reino do Jogo! (*Sai, levando Faustino*)

TRABALHO – Insensato! tudo farei para salvar-te! (*Sai. Mutação*)

## QUADRO II

*O Reino do Jogo, cintilante de ouro e luz.*

## CENA I

UM CORTESÃO, CORTESÃOS, *depois* o JOGO

*Coro de Cortesãos*

Espera na sala de espera do emissário  
*Que vem tratar de um caso extraordinário!*  
Vamos saber *incontinenti*  
Qual a razão que o trouxe cá;  
Assunto sério é certamente  
Que o nosso rei decidirá,  
– É talvez uma bagatela...  
Não vale a pena falar nela.

## Coplas

O JOGO (*Entrando.*) – Sou nada menos do que um rei,  
Sou nada menos que um monarca,  
E não receio a escura Parca,  
Pois nunca mais a bota baterei.  
Sei dirigir a traquitana,  
Governar sei o meu país;  
Não sou pr'áí nenhum banana;  
Se o sou, porém, ninguém mo diz.

CORO – Não é pr'áí nenhum banana;  
Se o é, porém, ninguém lho diz!

## II

JOGO – Eu baldo o naipe nunca estou,  
Se as coisas vão embaralhadas;  
Pois copas, ouros, paus, espadas,  
– Nenhum jamais me abandonou.  
Às ordens tenho várias tropas,  
Meus exércitos não são maus!  
E sou também um rei de paus!

CORO – Ele é aqui um rei de copas,  
E ele é também um rei de paus!

JOGO (*Que, no fim das coplas, tem subido a um trono.*) – Estão todos?

TODOS – Todos.

O CORTESÃO – Não falta nenhum.

JOGO (*Ao Cortesão*) – Conselheiro, manda entrar o emissário. (*O Cortesão faz um gesto para. Entra o Xadrez, que se prostra diante o trono.*)

## CENA II

### OS MESMOS, o XADREZ

JOGO – Ergue-te! (*Reconhecendo-o*) – Olá! Xadrez! o jogo aristocrata por excelência! (*Estendendo-lhe a mão.*) Tens licença para me apertares a mão. Aperta mais... mais...Basta! Que pretendes?

O XADREZ – Justiça!

JOGO – Vai por aí; não pedes pouco. Justiça contra quem?

XADREZ – Contra a Jogatina!

JOGO – Contra minha filha!

OS CORTESÃOS – Oh!...

JOGO – Sim contra tua filha! Depois que a deste ao mundo, o teu reino foi invadido por uma multidão de jogos de ínfima espécie, se é que tal nome mereça tal gentinha. Vivíamos como os anjos, numa doce alegria imperturbável. As classes sociais

estavam perfeitamente definidas. Eu, o Voltarete, o *Whist*, o *Ecarté*, as Damas, o Besigue, o Dominó, o Bilhar e alguns mais formávamos a classe aristocrata. O Gamão, a Bisca, o Solo, os Três setes e outros formavam a burguesia honesta. O Burro e seus congêneres, a plebe. Os jogos de parada, à frente dos quais se chamava o *Lansquenet* e o Bacará, eram qualquer coisa como mediadores plásticos entre a aristocracia e a burguesia.

JOGO – Uma espécie de *demi-monde*.

XADREZ – Talvez. – Mas tua filha, fruto de um amor espúrio e condenado, nasceu, cresceu, e, hoje, durante noites inteiras, deixa o teu palácio, e anda pelo reino a organizar uma nova camada social: - a canalha!

TODOS – Oh!...

XADREZ – Até hoje o Reino tem suportado calado...

JOGO (*Erguendo-se com ímpeto e interrompendo-o*) – Hein? Calado, dizes tu?...

XADREZ (*Atônito*) – Como?

JOGO – Nada... lembrei-me de... (*Desce do trono e traz o Xadrez ao proscênio, misteriosamente.*)

### Canto

JOGO –	<i>Psiu!</i>
XADREZ –	<i>Psiu!</i>
AMBOS –	Calado...
CORO –	<i>Psiu...</i>
	Calado...
JOGO –	Calado, sim, calado!
	Não me parece averiguado
	Que um coitado
	Condenado,
	Sem ser ouvido nem cheirado,
	Seja ou não culpado
TODOS –	Calado...
	<i>Psiu!</i>

JOGO (*Subindo de novo ao trono e sentando-se*) – Continua.

XADREZ – Até hoje o reino tem suportado tudo sem tugar nem mugir. Mas a paciência é como as nações: tem limites.

JOGO – Comparação feliz!

XADREZ – Os jogos aristocratas reuniam-se e deliberavam, depois de grande discussão, enviar-me à tua augusta presença para pedir providências imediatas e enérgicas. Deves compreender, senhor, que eu, o Xadrez, um jogo fidalgo, cuja origem se perde na noite dos tempos; eu, que até já figuro na gazetilha do maior jornal da América do Sul...

JOGO – Bem sei... Bem sei que o *xadrez* há muito tempo fornece matéria para a gazetilha.

XADREZ – O *Whist*, um jogo de príncipes, o Voltarete, a glória do baralho de cartas, e outros não podemos viver de súcia com o Pacau, o Trinta-e-um e a Vermelhinha. É isso pretender casar o salão com a tarimba, o palácio com a espelunca!

JOGO – Tens toda razão. Justiça vai ser feita. (*Ao Cortesão.*) A Princesa Jogatina que venha cá. (*O Cortesão sai. A Xadrez.*) Vais ver como esta casa cheira a jogo! A energia do teu rei ficará eternamente gravada na memória do povo.

(*Xadrez inclina-se. Entra Jogatina, acompanhada pelo Cortesão, que havia saído.*)

### CENA III

OS MESMOS, JOGATINA, *depois o VÍSPORA, e sucessivamente a PULE, a VERMELHINHA, a LOTERIA, a LOTERIA, o PACAU, o CÂMBIO, que apenas atravessa a cena. Jogatina entra com modos desenvoltos, que escandalizam a corte.*

#### Copla

JOGATINA –  
A jogatina eu sou!  
Por’i além contente eu vou!  
A vida eu levo assim,  
Que o mundo alegre é para mim.  
Que importa que a Moral,  
Não sei por quê, me queira mal?  
Hei de cantar e rir,  
Não hei de nunca me afligir!  
Leviana sou, talvez, porém,  
Filósofa também!  
Quem se prostrar  
No meu altar  
Será rico e feliz.  
Fortuna dou  
Benigna sou  
Até cos imbecis!  
Eu sou fazenda papafina!  
Sem me adorar ninguém me vê:  
Pois a Princesa Jogatina  
Não há de negar que tem seu quê.  
CORO –  
É descarada a tal menina!  
Lições não há quem mais lhe dê!  
O reino as casa ilumina  
Se inda daqui bem longe a vê!

JOGO – Bem! Basta! Não te mandei chamar para ouvir cantarolas!

JOGATINA – Estou às tuas ordens, papai.

JOGO – Aproxima-te. Conheces este cavalheiro?

JOGATINA (*Desdenhosa.*) – De vista.

JOGO – Pois devias conhecê-lo pessoalmente, porque é o mais conspícuo dos meus vassalos. (*Xadrez inclina-se.*) Não te inclines: é a verdade.

JOGATINA – Mas o que tenho eu de comum com este sujeito?

XADREZ (*Vivamente.*) – Nada, absolutamente nada!

JOGO – Este (*Frisando.*) sujeito, que representa a classe mais sim-senhor do reino, ou para exprimir-se em bom português, o *high-life*, queixa-se, e com razão se

queixa, de que tu, minha sirigaita, introduziste na sociedade uma camada perigosa e abjeta: a canalha!

JOGATINA – Ora! E foi para isto que me arrancaram da companhia dos meus amigos!

O CORTESÃO (*Inclinando-se.*) – Real senhor, perdoa se me meto o nariz onde não sou chamado.

JOGO – Mete, mete, Conselheiro! O nariz de um Cortesão goza de todas as imunidades!

CORTESÃO – Obrigado, Majestade. Parece-me, também a mim, que o Xadrez tem muita razão. E se Vossa Majestade quiser capacitar-se da verdade, ordene à Princesa Jogatina que faça entrar nesta sala os tais amigos, em companhia dos quais se achava ainda agora nos meus aposentos. Eles ainda lá devem estar.

JOGATINA – Pois não! com todo prazer! (*Indo à porta.*) Meus amigos, fazem favor? Entre um por um, para ser mais fácil a apresentação.

XADREZ (*À parte.*) – Que cinismo!

(*Música. À medida que Jogatina os nomeia, os Jogos vão aparecendo. Jogatina toma-os pela mão e apresenta-os, declamando os seguintes versos.*)

JOGATINA –                   Este é o famoso Víspora!  
                                    Já foi bem recebido  
                                    Dentro do lar doméstico  
                                    Com toda a distinção...  
                                    Mas, afinal, o pícaro  
                                    Deu em andar metido  
                                    Por espeluncas sórdidas  
                                    Que reprovadas são.

                                    A Pule! que magana!  
                                    Com o pé de melhorar  
                                    A raça cavalariça,  
                                    Esbodegando vai a raça humana.

                                    Esta pequena simpática  
                                    É a melhor amiga minha;  
                                    Dá que fazer à polícia,  
                                    E chama-se a Vermelhinha.

                                    A Loteria,  
                                    Velho jogo vagabundo,  
                                    Que foi em Roma o regalo  
                                    De Nero e de Heleogabalo  
                                    E que hoje em dia  
                                    Ditosa vive  
                                    E em toda parte do mundo,  
                                    A nova Austrália inclusive!

                                    Eis a Rifa, joguinho matreiro,  
                                    Oriundo dos tempos antigos,  
                                    Conhecido no Rio de Janeiro

Pelo nome de Ação entre Amigos.

JOGO – Que gente!

XADREZ – Quando eu digo...

JOGATINA – Um jogo aparece agora  
Que não tem nada de mau;  
Nos quartéis floresce e mora,  
E tem por nome o Pacau.

JOGO – Este é que se pode chamar um jogo de parada (*O Pacau é representado por um soldado.*)

JOGATINA – Agora vou mostra-vos um sujeito,  
Cuja pessoa é muito respeitada,  
Sendo, aliás, tão diga de respeito  
Como dos jogos a pior cambada.

(*Aparece o Câmbio, que atravessa a cena encolhendo-se, isto é, tornando-se mais baixo sempre, à medida que Jogatina profere a palavra* (Desce).

Ei-lo que passa. É o Câmbio! Esse bandalho  
Que desce, desce, desce, e desce, e mais,  
E faz com que alguns ganhem sem trabalho  
E muitos percam grandes capitais.

JOGO – Então aquele vai-se embora?

CORTESÃO – Ah! o Câmbio não pára... Tem sempre muito que fazer. (*Cessa a música.*)

XADREZ – Está feita a apresentação? Faltam ainda muitos!

JOGATINA – Muitíssimos, porém só estes se achavam ainda agora em minha companhia. (*Os recém-chegados estão alinhados a um lado da cena.*)

JOGO – Atenção!

TODOS – Atenção!

JOGO – Princesa, há muito tempo que teu modo de vida me pôs a pedra no real sapato e a pulga a atrás da orelha augusta. Há muito tempo que eu pretendia exercer sobre a tua execranda pessoa minha dupla autoridade de soberano e pai. De hoje em diante não escandalizarás o meu reino! Tens um quarto de hora para escolheres um exílio e te prepares para a viagem!

JOGATINA (*Protestando.*) – Mas...

JOGO (*Erguendo-se com violência.*) – Nem mais uma palavra! (*Descendo e examinando os jogos.*) Quanto a estes pulhas que introduziste no reino, saberei, pois que não são príncipes, livrar-me deles ainda com mais facilidade do que me livro de ti, que afinal de conta, és Princesa!

XADREZ (*Declamando.*) – Nem era de esperar que um rei tão sábio  
Procedesse jamais de outra maneira!

JOGO – Agradeço a citação literária, e espero que estejas plenamente satisfeito.

XADREZ – Satisfeitíssimo, senhor.

JOGO – Então não me amoles... Vai-te embora, e dá lembranças ao Voltarete. (*O Xadrez inclina-se e sai. O jogo sai pelo outro lado, e os cortesãos acompanham-no com o motivo do último coro da orquestra.*)

JOGATINA (*Aos Jogos.*) – Deixem-me! (*Vão todos a sair.*) Tu, Loteria, fica. (*Saem todos os jogos, menos a Loteria.*)

## CENA IV

### JOGATINA, *a* LOTERIA

JOGATINA- Que dizes a isto? Que escolha um exílio; mas qual! Onde a Jogatina encontrará um povo tão mal educado, que a tolere? Estou deveras embaraçada... Malditos aristocratas! Raças infame de hipócritas! Mas tu não dizes nada?... não me aconselhas?... Mandeí que ficasse, por seres a mais inteligente, e não arranco dos teus lábios dos teus lábios uma palavra sequer!

LOTERIA – Pela máquina Fichet! que queres tu que te eu te diga? Não és tu a minha diretora – Ah! mas vejo que se dirige para este lado alguém pode aconselhar-te.

JOGATINA – Quem?

LOTERIA – Tua mãe.

## CENA V

### AS MESMAS, *a* OCIOSIDADE, *depois* FAUSTINO, *depois as* LOTERIAS, *os* DÉCIMOS *e os* VIGÉSIMOS, *depois os* CORTESÃOS

OCIOSIDADE – Dás licença?

JOGATINA (*Indo abraçá-la e trazendo-a para a cena.*) Ó mamãe! pois precisas pedir licença?

OCIOSIDADE – É que não venho só.

JOGATINA – Os teus amigos meus amigos são.

OCIOSIDADE – Sim; mas é que teu pai não quer saber de mim... e então...tenho escrúpulos...

JOGATINA – Escrúpulos? Será a primeira vez. Papai está realmente ficando um mau jogo. Acaba neste momento de me expulsar do reino... Intrigas dos aristocratas...

OCIOSIDADE – Não sei ainda; o tempo passa, e dentro de um quarto de hora devo escolher o lugar de meu exílio.

OCIOSIDADE – Não tens que hesitar: Rio de Janeiro!

JOGATINA – Achas?

OCIOSIDADE – Fixei ali o meu domicílio. Dou-me perfeitamente com o clima... Tenho lá muitas relações e sou muito considerada. A ti não te faltarão elementos para lá exerceres poder absoluto. Não podes escolher melhor.

LOTERIA – Pelo menos, sei que os fluminenses dão o cavaquinho por loterias.

JOGATINA – Deveras?

LOTERIA – Adoram-nas. Não há terras em que eu tenha tantos prosélitos! Todos os dias anda a roda, quando não anda duas vezes no mesmo dia! Eu no Rio de Janeiro sou moda, sou febre, sou delírio! Tudo lá é pretexto para loterias! Emancipação? Loterias! Obras numa igreja? Loterias! Asilos de caridade! Loterias! Montepio? Loterias! Tudo loteria! Todas as províncias jogam! Do Sul ao Norte loterias e mais loterias! Pará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Paraná, Santa Catarina, rio Grande do Sul, cada qual tem sua loteria; mas quem paga o pato é a corte, que dá saída a todas elas!

JOGATINA – Decididamente é um povo que me convém! As loterias, assim repetidas, são infalível sintoma de dissolução social. Em parte alguma, pode a Jogatina estar melhor que numa sociedade que se esfacela. Vou para o Rio de Janeiro!

OCIOSIDADE – E lá desempenharás, nas horas vagas, já se sabe, uma comissão que muito me interessa.

JOGATINA – E é?...(*Ociosidade faz um gesto para fora: entra Faustino que ela toma pela mão.*)

OCIOSIDADE – Proteger este mancebo!

FAUSTINO (*Deslumbrado.*) – Como isto aqui é lindo!

JOGATINA – A tua mão!

FAUSTINO – Ei-la! (*À parte.*) Falem-me disto!

JOGATINA – Somos aliados?

FAUSTINO – Dar-me-ás fortuna?

JOGATINA – Veremos.

FAUSTINO – Como obtê-la?

JOGATINA – Por muitos meios. (*Mostrando a Loteria.*) A Loteria, por exemplo.

FAUSTINO – Um... as loterias da minha terra nunca me atentaram.

LOTERIA – Que dizes? Oh! naturalmente não as conheces! Não posso consentir que julgues mal de minhas filhas! – Apareçam, meninas! (*Música. Aparecem as Loterias Brasileiras, acompanhadas por Décimos e Vigésimos.*) Gaba-se aquele mortal de que vocês nunca seduziram.

LOTERIAS – Oh!

LOTERIA – Quebrem-lhe a castanha na boca!

*Bailado e coros*

*(Música de Tristão dos Santos)*

*(As Loterias cercam Faustino, tomando as mais graciosas posições.)*

LOTERIAS – Belo mancebo pálido,  
Tu vais reconhecer  
Neste momento mágico  
Nosso imortal poder!

FAUSTINO – Lindas são  
Sem questão!  
Nunca vi  
Tanta huri!

LOTERIAS – Belo mancebo pálido, etc.

*(Entram os cortesãos com um movimento de dança.)*

*(Coro de cortesãos.)*

Oh! que dia de júbilo!  
El-rei Nosso Senhor  
A Jogatina exótica  
Bem longe manda pôr!

*(Continua um trêmulo na orquestra até o galope final.)*

UM CORTESÃO – Princesa Jogatina, o rei, teu pai, manda-me à tua presença para acompanhar-te até fora do reino com esta luzida escolta de cavalheiros. Manda, outrossim, que em sinal de regozijo pela tua ausência, gire a roda da fortuna, que só gira nas grandes ocasiões! (*Sobe o pano do fundo e vê-se a roda da Fortuna girando vertiginosamente.*) E agora, a galope!

TODOS – A galope! (*Grande galope final. Cai o pano.*)

### QUADRO III

*A Rua do Passeio, no espaço compreendido pelo muro do convento da Ajuda.*

#### CENA I

COMENDADOR, CAROLINA, ALEXANDRE, BANHISTAS

*(É alvorecer. Durante todo o Quadro passam indivíduos, que vão ou voltam do banho. Algumas senhoras de cabelos soltos e toalhas nos ombros, etc.)*

COMENDADOR (*Entrando apressado e atravessando a cena.*) – Vamos, são horas, o sol está quase sai-não-sai, e banho de mar com sol não é comigo.

CAROLINA (*Entrando, seguida por Alexandre.*) – Deixe-se disso, primo Xandico; nós não temos nada que conversar.

ALEXANDRE – Má! sempre a mesma!

CAROLINA – Você é que é sempre o mesmo; mas vamos depressa, que papai está longe.

ALEXANDRE – Vamos, dê cá o braço.

CAROLINA – Não dou! Que homem, gentes! (*Saindo.*) Você há de acabar por fazer que eu não saia em sua companhia. Ora dá-se! (*Sai, acompanhada por Alexandre.*)

#### CENA II

FAUSTINO, JOGATINA, *vestida de rapaz; depois o INSPETOR e dois urbanos.*

JOGATINA (*Entrando a correr.*) – Vem!

FAUSTINO (*Idem.*) – Já não posso correr!

JOGATINA – Aqui ficamos ao abrigo de todas as perseguições

FAUSTINO – Achas?

JOGATINA – Com certeza; a freguesia do Sacramento está longe.

FAUSTINO – Bem se vê que não conheces o Borges!

JOGATINA – Pois julgas tu que haja alguém que eu não conheça? Ora vai passear! Tu é que não me conheces!

Coplas

I

É bem tolo o que imagina  
Que a princesa Jogatina

Para os homens conhecer  
Necessita os homens ver.  
Se assim fosse, era ocioso  
Meu poder misterioso,  
Pois bastava-me, afinal,  
Ser uma simples mortal  
Meu querido  
Protegido!  
Vê tu lá  
Pra ver quanto vale a que aqui está!

## II

Eu conheço fidalguia,  
Clero, povo e burguesia,  
E, na classe militar,  
Sou bastante popular.  
Entretanto, meu pexote,  
É preciso que se note;  
Muitos há com que me dou,  
Mas não sabem quem eu sou.  
Meu querido, etc.

O INSPETOR (*Entrando com dois urbanos.*) – Olá! cá estão os melros! Bem disse eu que não me escapavam!

FAUSTINO – Bonito! aí está o que querias!

INSPETOR (*Aos urbanos.*) – Prendam aqueles sujeitos!

FAUSTINO – Prender-nos a nós? Menos essa! Qual foi o nosso crime?

INSPETOR – Não tenho que dar *satisfas*: o poder é o poder, disse alguém que podia. A polícia está disposta a não poupar as casa de jogo. Vamos!

FAUSTINO – E se pagarmos a multa?

INSPETOR – O caso muda de figura. São quatro mil réis por cabeça.

FAUSTINO – Não faz isso por menos?

INSPETOR – Não, senhor; preço fixo e dinheiro à vista.

FAUSTINO – Hum... isso é que é o diabo!

JOGATINA – Tratando-se de duas pessoas, bem podia fazer um abatimentozinho...

INSPETOR – Não posso, creia que não posso... Já dou pelo custo... (*Emendando.*) Quero dizer: é o preço da lei.

FAUSTINO – O homem de vez em quando esquece-se de que é autoridade, e só se lembra de quando é negociante.

JOGATINA – Então? Nem sendo por atacado?

INSPETOR – Nada! Quatro mil réis!

FAUSTINO – Vá lá, não há remédio. (*Tirando do bolso do colete uns níqueis e algumas notas de quinhentos réis.*) O pior é que só tenho três mil e setecentos... Tome; no princípio do mês darei o resto.

INSPETOR – Ai, que o amigo quer divertir-se! Olhem que quando estou com o metro... quero dizer: com a vara... não brinco! (*Aos urbanos.*) Vamos!

JOGATINA – Esta bem, não se zangue. Aqui estão os quatro mil e trezentos que faltam

INSPETOR (*Recebendo o dinheiro.*) – Ah! isto agora sim! Querem recibo?

JOGATINA – Não é preciso,.

INSPETOR – Nem eu dava.

FAUSTINO – Risque nosso nome do borrador, e passe bem.

INSPETOR (*Tirando o chapéu e cumprimentando.*) – Quer como autoridade, quer como negociante, sempre às ordens da freguesia. (*Espirra.*)

JOGATINA – *Dominus...*

INSPETOR – Não faça caso, constipei-me...Corre aqui um ar...

FAUSTINO – Não deve estranhar, pois é um ar marinho.

INSPETOR (*Aos urbanos.*) – Vamos! (*Saem o Inspetor andando muito ligeiro, e muito devagar os urbanos, que durante a cena levaram a dormir de pé, só despertando às duas vezes em que o inspetor disse* (Vamos!))

FAUSTINO – Maldito víspera! Estamos sem vintém

JOGATINA – Não tens meio de arranjar dinheiro?

FAUSTINO – Tenho um só, mas muito arriscado (*Jogatina faz um gesto de furta.*) Pouco mais ou menos...

JOGATINA – De que se trata?

FAUSTINO – De arranjar um título de Barão; e o único meio que tenho de arranjá-lo, é forjá-lo!

JOGATINA – Falsificá-lo!

FAUSTINO – Inventá-lo!

JOGATINA – Bravo! vais arranjá-lo, forjá-lo, falsificá-lo, inventá-lo sem perda de um momento!

FAUSTINO – Eu?

JOGATINA – Tu, sim... deixa o resto por minha conta. Ao meio-dia vai Ter comigo no lugar costumado; mas, se não lemares consigo o título arranjado, forjado, falsificado e inventado, melhor será que não apareças! Adeus! (*Sai.*)

### CENA III

FAUSTINO, *depois O TRABALHO, que ouve parte do diálogo quando passa pelo fundo, vestido de operário, e levando sua ferramenta.*

FAUSTINO – Diabos levem a polícia! Justamente quando a sorte ia mudar, é que a maldita cercou a casa. Oh! mas deixe estar, que a caipora não há de durar eternamente!

FAUSTINO – Há de durar enquanto me evitares!

FAUSTINO – Olá! o meu amigo dos manjeriões! Hoje a encadernação é mais barata, hein?

TRABALHO – Hoje eu sou um operário, e vou para a oficina excitar o brio dos que se acharem ao meu lado! Enquanto tu passavas a noite numa espelunca, para ganhares, ao cabo de muitas horas, metade da soma que o trabalho honesto poderia render em menos tempo, o operário dormia, refazendo as forças para recomeçar no dia seguinte a tarefa da véspera (*Dando-lhe uma peça da ferramenta.*) Toma! Vem comigo!

FAUSTINO – Tira isso para lá! Que mania!... Não me aborreças! Podes ser muito boa pessoa, mas és bisbilhoteiro e maçante! Não me dirás o que poderei ganhar com este ferro?

TRABALHO – Pelo menos honra!

FAUSTINO ...e calos. E, calos, por calos, antes pregá-los que apanhá-los!

TRABALHO – Essa máxima é digna de ti. Os calos são os anéis do operário.

FAUSTINO – Anéis que não vão para o prego, viva! Sabes que mais? Vou para a cama!

TRABALHO – E eu para o Arsenal! (*Saem cada um por seu lado.*)

#### CENA IV

BANHISTAS, *que entram em confusão, entre eles, o COMENDADOR, com roupas de banho, ALEXANDRE e CAROLINA, esta de cabelos soltos e toalha nos ombros. Grande pânico em todos os personagens.*

*Coro*

*(Música de Gomes Cardim)*

Que tintureira!  
Bicho maior eu nunca vi!  
Desta maneira  
Eis-me a tremer de medo aqui!

COMENDADOR – Que tintureira!

CORO – Que tintureira!

ALEXANDRE – Que tintureira!

CORO – Que tintureira!

Bicho maior eu nunca vi, etc

1º. BANHISTA – Eu vi a tintureira!

2º. BANHISTA – E eu! Que enorme!

3º. BANHISTA – Era do tamanho da torre da Candelária!

1º. BANHISTA – Exageras, Gaudêncio... seria do tamanho da torre do Carmo, quando muito.

3º. BANHISTA – Nada! ao Boqueirão não volto eu!

CAROLINA – Eu bem senti alguma coisa me puxar o pé!

ALEXANDRE (*À parte.*) – Não era a tintureira!

COMENDADOR – Pois sim, mas eu não posso ir assim para casa! Que diriam, se vissem um liberal da velha guarda por essas ruas em trajes de banho? – Ó Alexandre, fica com a tua prima... esperem-me, que eu vou vestir-me.

CAROLINA – Não se demore muito, papai. (*Sai o Comendador. Saem os banhistas a pouco e pouco, de modo que, na ocasião so canto, só estejam em cena Alexandre e Carolina.*)

#### CENA V

ALEXANDRE, CAROLINA, *depois o COMENDADOR*

ALEXANDRE – Vamos nós dar um giro pelo Passeio Público enquanto o velho não vem?

CAROLINA – Eu? Você está doido, primo Xandico! Você pensa que ainda está na Europa! Eu sozinha com você no Passeio Público! Deus me livre!

ALEXANDRE – Bem se vê está apaixonada pelo tal Faustino. É o que meu asanegra aquele bilontra! – Olhe, prima Carolina, eu não queria lhe dizer nada, porque sei que você não há de gostar; mas, como quem o seu inimigo poupa às mãos e morre, lá vai...

CAROLINA – Lá vai o quê?

ALEXANDRE – Ouça. O tal Faustino foi esta noite apanhado pela polícia em uma casa de tavolagem

CAROLINA – Não pode ser. Você viu?

ALEXANDRE – Não! disseram-me...

CAROLINA – Quem?

ALEXANDRE – O Gaudêncio, um amigo que encontrei no Boqueirão

CAROLINA – Ora! são intrigas...

ALEXANDRE – Ao passo que eu, prima Carola, não tenho vícios e estou bem empregado. (*Comovido.*) Quando você era pequenina, gostava muito de mim e me chamava seu noivo. Maldito momento em que meu pai mandou educar-me na Europa, afastando-me de você! Oh! mas ainda espero em Deus alcançar no seu coração o lugar devidamente ocupado por aquele bilontra!

CAROLINA – Que vem a ser bilontra?

ALEXANDRE – Ah! não sabe? Pois ouça...

### *Rondó*

*(Música de Abdon Milanês)*

Se quer saber o que é bilontra,  
É bom que saiba antes do mais,  
Que esta palavra não se encontra  
No dicionário do Moraes.  
*A bilontrage* é sacerdócio  
Que cada qual pode exercer;  
Entre o pelintra e o capadócio  
O meio termo vem a ser.  
Pode o bilontra ser um velho,  
Pode também ser um fedelho;  
Mas o modelo mais comum  
É o garnizé que se emancipa;  
E que a legítima dissipa  
Ao completar os vinte e um  
Tipo de calças apertadas,  
Chapéu de fitas espantadas,  
Em cada pé bico chinês;  
Pode apostar, ó prima, contra  
O que quiser que ele é bilontra

Se bem que finja ser inglês...

COMENDADOR (*Voltando.*) – Pronto!

ALEXANDRE – E a tintureira?

COMENDADOR – Desapareceu, dizem, sei lá! Pelo sim, pelo não, o filho de meu pai não volta ao banho! E não se trata só da tintureira: patifes há que se apresentam na paria indecentemente trajados, e escandalizam as famílias! Eu sou liberal de princípios; mas façam-me subdelegado desta freguesia, e verão! – Vamos para casa.

## CENA VI

### OS MESMOS, o EMPREGADO DO CONSULADO

EMPREGADO (*Entrando esbaforido e dirigindo-se ao Comendador*) – Perdão, meu caro senhor: não viu por aqui o Senhor Borges? Disseram-me que tinha vindo para este lado. Preciso da polícia quanto antes.

COMENDADOR – Aconteceu alguma desgraça?

EMPREGADO – E que desgraça! Os ladrões...

COMENDADOR (*Assustado*) – Ladrões?! Ai!...

EMPREGADO - ... penetraram esta noite....arrombaram...

COMENDADOR e ALEXANDRE – Aonde?... o quê?...Acabe!

EMPREGADO – O Consulado!

TODOS – Um roubo no Consulado!

EMPREGADO – E que roubo!...e que roubo!...Trezentos contos!...

COMENDADOR – Não seria gente de casa?

EMPREGADO – De casa? Qual o quê! Em casa só ficam os ratos.

COMENDADOR – Justamente por isso.

### Copla

Onde houver vil metal luzente  
Há sempre ratos de dois pés;  
Dona Polícia ultimamente  
Caçou de balde uns oito ou dez...  
Agora todas as semanas  
Desfalques há com profusão;  
Mas fogem logo as ratazanas,  
Ninguém lhes pode pôr a mão!  
Sem tugar,  
Nem mugir  
Lá vão, sem passaporte!  
Habitar,  
Povoar  
A América do Norte!

EMPREGADO – Ora, onde encontrarei o homem, para abrir o inquérito? Vou até o armarinho...Passem bem, meus senhores...minha senhora (*Saindo.*) Ora onde se meteria o Borges? (*Sai.*)

COMENDADOR – Consolado ficou o ladrão (*Ouvem-se marteladas e pancadas de alavanca, dadas por trás do muro do convento.*)

ALEXANDRE – Que bulha é esta?

COMENDADOR – Sei lá! Serão as freiras?

CAROLINA – Elas, coitadinhas!

COMENDADOR – Ah! não! já sei: são os empresários da nova rua, que estão deitando o muro do convento abaixo.

CAROLINA – Credo! Que falta de religião!

COMENDADOR – Qual religião? qual carapuça! Eu sou liberal da velha guarda!

ALEXANDRE – Meu tio, olhe que há liberais da velha guarda e liberais da Guarda-Velha. Foram estes que autorizaram o escândalo.

COMENDADOR – Ora adeus! para que as freiras querem chácara?

ALEXANDRE – Para que eu quero meu relógio?

CAROLINA – Tem razão, primo Xandico. Vamos embora, papai... não quero presenciar este atentado!

COMENDADOR – Vamos lá (*Saindo a falar sempre.*) É que quando digo que sou liberal da velha guarda... (*Não se ouve o resto. a cena fica vazia.*)

*Coro de demolidores (Fora.)*

(Música de Gomes Cardim)

Caia o muro do convento  
Que não serve para nada,  
E apareça num momento  
Rua nova e bem calçada.

Caia o muro! caia! Caia!  
Derrubá-lo é privilégio!  
Sobre todos nós recaia  
Tão nefando sacrilégio!

*Coro de freiras (Longínquo.)*

Nossa Senhora da Ajuda,  
Vê tu que profanação!  
Não temos quem nos acuda,  
Nem quem nos estenda a mão!

*(Juntam-se os dois coros em concertante. O muro tem caído aos poucos. No fim do coro desaba completamente, deixando ver toda a rua do Senador Dantas.)*

## QUADRO IV

*A Rua do Senador Dantas.*

## CENA I

O DOUTOR, TRABALHADORES, *depois a* MUSA DO POVO, *depois a* PRETA  
DOS PASTÉIS

O DOUTOR – Quem quer comprar terrenos excomungados? Preços reduzidos!  
Ver para crer! (*Os trabalhadores vão saindo a pouco e pouco.*)

MUSA DO POVO (*Entrando da direita*) –

Este enorme, sacrílego atentado,  
Nos versos meus será vituperado!

DOUTOR – Quem é a senhora, e com que direito vem aqui protestar em verso?

MUSA DO POVO – Musa do Povo eu sou: passar não deixo  
Tanta vergonha sem abrir o queixo!

DOUTOR – Pois abra!

MUSA DO POVO – Ardendo em santa e impiedosa ira,  
Eu tanjo as cordas de inspirada lira!

DOUTOR – Pois tanja!

MUSA DO POVO – E contra esta fatal profanação  
Protesto em nome da religião!

DOUTOR – Pois proteste! (*Saindo a apregoar.*) quem quer comprar terrenos  
excomungados? Grande redução de preços! A vista faz fé! (*Sai.*)

MUSA DO POVO –

Que escândalo, meu Deus! como se abusa!  
Tenho às vezes vergonha de ser Musa!

(*Entra a Preta dos pastéis e entrega-lhe uma salva, coberta com uma toalha de crivos,  
e um cartão. Depois retira-se. Lendo o cartão.*)

“As freiras, modestamente,  
Graças a sua defesa,  
Enviam-lhe esse presente  
Para a sua sobremesa”.

(*Descobre a toalha. Aparece uma compoteira cheia de doce.*)

Que vejo, Apolo?! Doce de laranja!  
E agora digam lá que não se arranja  
Quem como eu cá da lira as cordas tanja!

(*Mete o dedo no doce, e prova-o.*)

Que gostoso! que bom! Como isto inspira!  
Vamos! vou dar-te o que fazer, ó lira! (*Sai.*)

## CENA II

### MORCEGOS, *depois* SOLDADOS DA POLÍCIA

*Coro e marcha dos morcegos.*

Eis quase toda a morcegada,  
Que enfim foi posta em debandada!  
Adeus, bom tempo do chanfalho,  
Do belo apito a tiracol!

Adeus, ó tempo do trabalho  
À luz do gás e à luz do sol!  
Tudo para nós já se acabou!  
A nossa estrela se apagou!  
Sem mais contemplação  
Veio a dissolução!  
Agora somente  
Na cama é chorar,  
Pois é lugar quente,  
Não há que negar!

*(Continua a música na orquestra até o fim do quadro.)*

UM MORCEGO – Bem , meus amigos! Agora que estamos dissolvidos, é preciso tratar da vida, que a morte é certa! Portanto, voltemos à nossa antiga profissão!

TODOS – Valeu! Apoiado! *(Forte na orquestra. Todos os Morcegos se transformam em capoeiras, que se dividem em dois campos.)*

VOZES DA ESQUERDA – Viva os guaiamus!

VOZES DA DIREITA – Viva os nagoas!

UNS – Entra!

OUTROS – Livra! *(Grande conflito. Apitos da polícia, que intervém e dispersa os capoeiras. A cena fica vazia. Mutação. Cessa a música.)*

## QUADRO V

*Sala casa do Comendador. Porta e janelas ao fundo. Portas laterais.*

## CENA I

COMENDADOR, FAUSTINO, *que entram do fundo, depois o TRABALHO*

COMENDADOR *(Com um decreto na mão e muito contente.)* – Barão! Barão! Estou finalmente Barão... Barão de Vila Rica! Já não sou o Comendador Campelo! *(Abraçando Faustino.)* Quanto lhe agradeço, meu amigo, meu bom, meu excelente amigo! Quanto lhe agradeço! E hoje mesmo hei de ir pessoalmente agradecer ao ministro.

FAUSTINO *(Vivamente)* – Não v ... não se d  a esse incômodo, porque já lhe agradecei em seu nome.

COMENDADOR – Bem; agora há de permitir que eu v  buscar a recompensa de seu trabalho. *(Saindo.)* Barão! *(Saída falsa pela direita.)*

FAUSTINO *(S .)* – Este cometimento de alta bilontragem pode sair-me caro; pelo menos transformar o meu projeto de casamento com a filha do Comendador, que tem bom dote e gosta de mim. Ora! não pensemos no futuro!

A VOZ DO TRABALHO – Padeiro!

FAUSTINO –   o homem do pão. *(O Trabalho aparece à porta do fundo, com um saco de pães na mão.)* Ainda ele!

TRABALHO – Ainda e sempre! Serei a tua providência! Não cometer s um ato reprovado. Toma este saco! *(D -lhe o saco.)*

FAUSTINO – Há dinheiro dentro? (*Mete a mão no saco, tira de dentro alguns pães e sacode o saco vazio.*) Ora! pães!

TRABALHO – Vai entregá-los.

FAUSTINO – E tu, vai bugiar! (*Atira-lhe o saco.*)

TRABALHO – Ainda uma vez te ofereço ocupação: ainda uma vez recusas. Tu'alma, tua palma. Olha: na mão do Trabalho, o pão transforma-se em ouro! (*Mete a mão no saco e retira-a cheia de moedas de ouro.*)

FAUSTINO – Ouro! Dá cá o saco!

TRABALHO – Trabalha! (*Sai.*)

FAUSTINO (*Só*) – Ora o mágico!

COMENDADOR (*Voltando.*) – Aqui tem três cheques do Banco do Brasil, na importância de conto de réis cada um. Desculpe a insignificância. (*Dá-lhos.*)

FAUSTINO – Ó Comendad... quero dizer: Barão...

COMENDADOR – Comendador, diz bem... antes de quinze dias não quero que se saiba que sou Barão. Só no dia dos meus anos publicarei a grata nova, e por essa ocasião darei um jantar, para o qual o amigo está desde já convidado.

FAUSTINO – Nesse caso, vou providenciar para que a nomeação não seja publicada. (*Guarda os cheques.*)

COMENDADOR – É favor. Agora há de me dar licença: esperam-me no meu gabinete (*Aponta para a esquerda.*) alguns correligionários políticos.

FAUSTINO – De qual dos partidos?

COMENDADOR (*Ingenuamente.*) – Do Liberal. – Aí vem minha filha; conversem, mas não lhe diga nada sobre o baronato. (*Abraçando-o.*) E muito obrigado! (*Saindo.*) Eu sou liberal, e liberal da velha bandeira; mas confesso que ser barão era o meu sonho dourado! (*Sai pela esquerda e Carolina entra pela direita.*)

FAUSTINO (*Consigo.*) – E Jogatina à minha espera na porta da rua!

## CENA II

### FAUSTINO, CAROLINA

CAROLINA – Ora seja muito bem aparecido, seu Faustino! Estava morta por vê-lo!

FAUSTINO (*Contente*) – Deveras?

CAROLINA – Disseram-me uma coisa do senhor...

FAUSTINO – De mim? Que foi, dona?...

CAROLINA – Não nega se for verdade?

FAUSTINO – Negar, eu?! Oh! A senhora não me conhece! Eu não minto nem brincando! Sou como Epaminondas!

CAROLINA – Quem é esse Epaminondas?

FAUSTINO – Um amigo de meu avô... um sujeito de Tebas...

CAROLINA – Pois fale como ele... verdade verdadinha... – O senhor joga?

FAUSTINO (*Com grandes gestos.*) – Jogar eu?! Virgem Maria!... Eu que nem sei pegar em cartas! Deus me livre! (*Benze-se.*)

CAROLINA – Ah, seu Faustino, como eu fiquei quando me disseram! Agora vejo que foi intriga!

FAUSTINO – Uma intriga miserável! Mas quem lhe disse?... quem foi?... (*Aparece à porta Jogatina, disfarçada em vendedor de bilhetes de loteria.*)

### CENA III

#### OS MESMOS, JOGATINA

JOGATINA – Anda hoje a roda! São os duzentos da Bahia! É o último

FAUSTINO *(Com um sobressalto.)* – Duzentos! *(Vendo Jogatina e reconhecendo-a.)* Oh! *(Faz-lhe sinal para que o não reconheça.)*

CAROLINA – Ó moço! como se entra assim por uma casa! *(Indo a Jogatina e tomando-lhe o bilhete.)* Se a gente tirasse mesmo... Mas qual! está branco com certeza!

JOGATINA *(Aproximando-se.)* – É este de resto! Fique com ele, tenho palpite! sou muito feliz!

#### *Copla*

Quem tentar  
Apanhar  
Sem tardar  
Sorte grande,  
Chamar-me mande!  
Como eu cá,  
Ninguém há!  
E aqui está  
Um bilhete  
Que bem promete!  
Profeta sou!  
Convicto estou  
De que lhe dou  
A bela sorte!  
É mister  
Não temer!  
Se perder,  
Não se importe!  
Ora aqui tem; não perca a vaza;  
Compre o bilhete de uma vez;  
São dez tostões; preço da casa;  
Cinco mil, cente e vinte e três,  
Fique com este da Bahia,  
Porque a tal emancipação,  
Anda não anda todo dia,  
Que até parece logração!

*(Declamando.)* Então? Vamos! que bonito número! 5.123!

CAROLINA – Vou experimentar mais esta vez. Quanto custa?

JOGATINA – Já disse, dez tostões, o preço da casa.

CAROLINA – Empréstima-me, seu Faustino, para não ir lá dentro agora?

FAUSTINO *(Atrapalhado.)* – É que... só tenho pelegas grandes...

CAROLINA *(Estranhando.)* – Pelegas?...

FAUSTINO *(Emendando.)* – Notas... notas,... queria eu dizer.

CAROLINA – Então espere aí, moço. *(Sai.)*

#### CENA IV

FAUSTINO, JOGATINA, *depois* CAROLINA

FAUSTINO – Que vieste fazer aqui?

JOGATINA – Fartei-me de te esperar à porta. Então? Recebeste alguma coisa?

FAUSTINO – Três cheques do Banco: três contos de réis.

JOGATINA – Bravo! Vamos ao Banco e de lá a uma roleta magnífica! Vais centuplicar essa quantia! Anda daí!

FAUSTINO – Espera um pouco; deixa vir a pequena com os dez tostões. Não quero despedir-me à francesa.

JOGATINA – Não temos um instante a perder: o Banco vai fechar.

FAUSTINO – Nesse caso, *allons!* *(Saem pelo fundo; entra Carolina.)*

CAROLINA – Aqui está, moço. – Ninguém! – Para onde iria seu Faustino? *(Indo à janela.)* Lá vai ele! E de braço com o garoto! Ora esta!... *(entra o Comendador, acompanhado do grupo Zé.)*

#### CENA V

CAROLINA, *que logo sai*, O COMENDADOR, OS ZÉS

*Coro dos Zés*

*(Música de Gomes Cardin.)*

Nós somos o grupo Zé,  
Que todos tomam a sério,  
E que há de, cum pontapé,  
Derribar o ministério!  
Ao mundo vamos, olé!  
À parte a nossa modéstia,  
Provando que o grupo Zé  
Não é nenhum Zé da Véstia.

COMENDADOR *(A Carolina, que sai da janela.)* – Ó Carola, estavas aí? Vai lá para dentro! Não gosto de ver mulheres envolvidas em política. Não quero Luíças Michéis cá em casa. Isso é bom para os franceses. Vai!

CAROLINA – Sim, papai. *(À parte.)* Aquele seu Faustino! *(Sai.)*

1º ZÉ – Pois, meu caro Senhor Comendador Campelo, o grupo Zé, convidado para esta reunião em sua casa, felicita-se pela sua adesão à nossa causa. Mas vossa Senhoria não me explicará como, repellido por uma câmara liberal, fez-se liberal e entrou logo em oposição ao governo?

COMENDADOR – Meu caro, em política, como em tudo mais, cada um sabe as linhas com que se cose. E se houver dissolução?

1º ZÉ *(Ao 2º)* – O que me parece é que este Comendador é uma besta.

2º ZÉ (*Ao 1º*) – Apoiado! (*Passa pela rua uma banda de música a tocar. Ouvem-se vivas e foguetes. Correm todos à janela.*)

OS ZÉS (*Retirando-se da janela.*) – Ora! é uma manifestação conservadora!

COMENDADOR (*À janela.*) – Viva! viva!...

3º ZÉ – Que é isso, Comendador? Está dando vivas aos conservadores?

COMENDADOR (*Aproximando-se.*) – Perdão, eu sou liberal da velha guarda... mas reconheço que o partido contrário... ao qual também pertenci... Demais, nestas manifestações, as caras são sempre as mesmas. (*Os sons da música têm se perdido ao longe.*)

1º ZÉ (*Aos outros.*) – Então está dito, meus nobres colegas: continue a tramóia! A tramóia há de salvar-nos! Que grande invenção a tramóia!

2º ZÉ – Havemos de mostrar ao ministério, que se julga tão forte, para quanto valem!

3º ZÉ (*Ao 1º*) – O diabo foi você ter assinado o projeto!

1º ZÉ – Assinei, mas voto contra. Que tem isso? Ainda ontem o Sinibu votou *sim* a favor de um candidato, e hoje votou *não* a favor do mesmo candidato.

2º ZÉ – Sganarello tem feito escola. (*Nova manifestação na rua. Banda de música, vivas e foguetes. Os Zés correm para a janela.*)

COMENDADOR (*Com toda a força.*) – Viva o Partido Liberal! viva o meu partido!... (*A manifestação passa.*) Toda a resistência, meus amigos, toda a resistência! Esta questão de emancipação é muito séria. O marechal tem razão. A junta de coice é indispensável.

3º ZÉ – Eu acho... apesar de não saber ao certo o que vem a ser a tal junta.

1º ZÉ – homem, você não sabe? Nem eu!

2º ZÉ – Se o comendador nos explicasse...

COMENDADOR – Não há nada mais simples. Você... (*Segura o 1º Zé.*) você é o carro...

1º ZÉ – Que carro?

COMENDADOR – O carro da emancipação. É uma figura.

1º ZÉ – Sim, senhor, eu sou o carro.

COMENDADOR (*Mostrando o palco.*) – Isto aqui é um barraco... um plano inclinado. (*Segurando dois Zés e pondo-os na frente do 1º.*)

2º ZÉ (*que é um dos dois segurados, com riso alvar.*) – Ah! ah! ah! somos a parelha! Está dito.

COMENDADOR – Peguem no carro. (*Os dois seguram, com as mãos para trás, o cós da calça do 1º Zé.*) Agora os senhores... (*Vai buscar o 3º Zé, e outro.*) Os senhores são os bois!

3º ZÉ – Homem, isto de bois...

COMENDADOR – Uma figura!

3º ZÉ – Vai lá, sou boi. (*Seguram no cós do 1º Zé.*)

COMENDADOR – Agora, puxem os senhores para frente, e os senhores para trás. (*Obedecem.*)

1º ZÉ – Ai! ai! ai!

COMENDADOR – Basta! Então? O carro avançou um passo? Não! Por quê? Porque as forças estavam equilibradas pela junta do coice, junta do coice representada aqui pelos nossos amigos.

TODOS – Ah! ah! ah! é boa!... (*Vaia na rua.*)

VOZES NA RUA – Fora, negreiro! Escravocrata! Fiô! Fiô!

TODOS – Que é isto? (*Vão a correr para a janela, e estacam ao ver entrar o A.*)  
O A.!...

## CENA VI

OS MESMOS, o A.

A. – Eu mesmo, meus amigos! Que desaforo!... Que insolência!... que pouca vergonha!... Vejam se isto é de um governo que se preza!

COMENDADOR – Mas que foi?

A. – Pois não ouviram?... Fui vaiado! Eu vaiado!... Vaiado!...

### *Coplas*

*(Música de Gomes Cardim)*

#### I

Eu saio da Câmara  
Ao fim da sessão,  
E vou sorumbático,  
Olhando pro chão;  
Mas eis que, de súbito,  
Eu ouço uma voz  
Dizendo-me injúrias,  
E passo veloz...  
Um grupo de vândalos  
Persegue-me então...  
São eles inúmeros...  
Nem sei quantos são!  
    Fiô!  
    Fiô!  
    Escravocrata!  
    Lá vai batata!  
    Zás!  
    Trás!

TODOS –                      Fiô! etc.

#### II

A. –                      Cos olhos um tílbur  
Eu busco, mas qual!  
Que vaia! que escândalo!  
Que piramidal!  
Enfim, todo impávido,  
Lá vou mesmo a pé,  
E os vândalos seguem-se,

Chamando-me Zé!  
Nas ruas mais públicas  
Quem viu coisa assim!  
Os pulhas insultam-me  
E zombam de mim!

Fiô! etc.

Com franqueza, amigos: eu pareço-lhes suficientemente indignado?

TODOS – Certamente!

A. (*Risonho e noutro tom.*) – Pois bem, não estou tal.

TODOS – Hein?

A. – Tudo isto é uma comédia!

TODOS – Como assim?

A. – A vaia foi encomendada por mim.

TODOS – Para quê?

A. – Eu precisava de um pretexto para...

TODOS – Para...

A. – Uma moção de desconfiança!

TODOS – Vamos!

A. – Já?

TODOS – Já! Partamos! (*Saem todos pelo fundo, depois de repetirem o coro de entrada.*)

COMENDADOR – Nem sequer se despediram de mim! Ah! política! ah! tramóia! (*Tirando o decreto do bolso.*) O que me consola é isto! O meu decreto! Vou para o meu gabinete contemplá-lo! Barão! Barão! Barão de Vila Rica!...

### *Ária*

*(Do Rigolletto: La dona è mobile.)*

Barão estou feito  
Da Vila Rica!  
Eis a rubrica  
Do Imperador!  
’Stou satisfeito!  
Sou mais um furo  
Que aquele obscuro  
Comendador!  
Brasão doirado  
Meu nome encerre:  
Um *V* e um *R*,  
Por cima um *B*.  
Vê-lo-ei gravado,  
Todo pachola  
Na portinhola  
Do meu cupê!

*(Música de Gomes Cardim.)*

Da Vila Rica eu sou Barão!  
Hei de fazer um figurão!...

*(O comendador sai dançando. Mutação.)*

## QUADRO VI

*O Largo de São Francisco de Paula.*

### CENA I

ARLEQUINS, depois o CARNAVAL, depois um ZÉ-PEREIRA, depois o ENTRUDO

*(Ao levantar do pano, a cena está cheia de máscaras e povo. Entra um bando de arlequins e executa um bailado. No fim do bailado, a cena fica vazia. Aparece o Carnaval, vestido com um dominó.)*

CARNAVAL *(Ao público, com voz de falsete)* –

Os senhores me conhecem?  
Sou eu mesmo... O Carnaval!...

*(Voz natural)*

Mas, se licença me dessem,  
Falava em voz natural.  
Em poucos versos contar-lhes  
A minha história aqui vou;  
O meu passado lembrar-lhes,  
Que tão depressa mudou.  
Eu fui isto que estão vendo:  
Como dominó remei...  
Mas fui descendo... descendo...  
E em princê me transformei.

*(Transforma-se)*

Não satisfeito do meu fado  
Destes caprichos fatais,  
Fez-me um diabinho encarnado...

*(Transforma-se)*

Eis o que sou: nada mais!  
A loucura, essa irmã gêmea  
Do carnaval sucumbiu  
Dês que a brilhante *Boêmia*  
Os atabales partiu.  
Findou-se a minha alegria  
Depois que me deixou só  
O *Club X*, que bem podia  
Chamar-se XPTO.  
De Heidelberg os estudantes,  
Filhos do gozo, onde estão?  
Era outra coisa, isto... dantes,  
Nos tempos que já lá vão.  
Decididamente acabo

De um modo muito vulgar,  
Se os *Tenentes do Diabo*  
Não me quiserem salvar!  
Se os *Fenianos*, da cova  
Não me chamam para si,  
Leve o demo a casa nova,  
Que é muito perto daqui.  
Se eu não for quem fui outrora,  
Se hei de ser sempre que sou,  
Renegar, sem mais demora,  
Dos *Democráticos* vou.

Se *Fenianos, Tenentes, Democráticos*  
Do seu amor por mim não me dão prova,  
Recorrerei aos préstimos simpáticos  
Dos *Progressistas da Cidade Nova!* (*Passa pelo fundo um Zé-Pereira*)  
Vai passando um Zé Pereira!  
Momo, se me vês de lá,  
Repara que desgraceira!  
Se não cessa a quebradeira,  
O meu futuro ali está!

(*Olhando para a direita*)

Ó céus! que vejo! vem ali o Entrudo!  
Desgraçado que sou!  
Se não fujo, ai de mim! lá se vai tudo  
Quanto Marta fiou!  
Sem dizer água vai, daqui me mudo,  
Porque mesmo água vem; ligeiro vou...

(*Sai apressado; mas o entrudo, que entra, ainda o vê.*)

ENTRUDO – Vai! Foge!... Foge covarde!...  
Ainda vives, Carnaval!  
Mas até ver não é tarde  
Quem há de cair por terra  
Nesta encarniçada guerra,  
Neste duelo mortal!  
Feros rancores eu guardo  
Contra ti, contra ti só!  
A hora suprema aguardo,  
Que em sonhos meu peito afaga,  
Da vitória da bisnaga,  
Da queda do dominó!... (*Vindo ao proscênio.*)

Eu sou o Entrudo, o clássico folgado;  
Na massa estou do sangue nacional;  
Já noutros tempos me encolhi de medo  
Ao surgir nesta corte o Carnaval.  
Retirei-me aos penates, porém quando  
Ele deveras irritar-me fez,  
As manguinhas de fora fui deitando  
E acabei por deitá-las de uma vez.

Contudo inda não sou quem dantes era:  
Inda serei, porém, quem dantes fui;  
Inda este povo, como noutra era,  
Verei entrando em tredo entrudo. – Ui!  
Inda aqui me vereis de balde e tina...  
De seringa na mão já alguém me vê,  
Pois a bisnaga é coisa muito fina  
Que o Mal das Vinhas inventou. Pra quê?  
É tão aristocrata a descoberta,  
Que Alguém, com *A* maiúsculo, também  
A bisnaga em Petrópolis aperta  
E esguicha a essência que ela em si contém.  
Nada! não quero... Mas, ó céus! que vejo?!  
Um grupo se dirige para cá,  
                    Que mascarado está!  
Encontrar-me com ele não desejo,  
                    Pois vem muito decente,  
E o Carnaval não venço facilmente  
Que com certo capricho se apresente;  
Portanto eu me vou já. *(Sai.)*

## CENA II

OS ESTUDANTES DE SALAMANCA, *depois* JOGATINA e FAUSTINO; POVO

*(Os estudantes cantam uma canção espanhola e saem, acompanhados e aplaudidos pelo povo. Durante o canto entram Faustino e Jogatina, vestidos como no quadro precedente. Vêm ambos ligeiramente embriagados.)*

JOGATINA – São os coristas do Santana que andam a pedir para as vítimas do terremoto de Andaluzia.

FAUSTINO – Se pedíssemos nós para as vítimas de roleta?... Podes limpar a mão à parede com a tua proteção... Parece incrível!... Três contos de réis deitados fora em três dias!...

JOGATINA – Mas tu hoje começaste logo no princípio a dar beijos na Marie Brizard!... Deste modo ninguém pode jogar... a não ser que jogue como uma barca Ferry.

## CENA III

FAUSTINO, JOGATINA; *um* NOIVO, *uma* NOIVA e o PAI DA NOIVA

O PAI *(Acompanhando os noivos.)* – Não pode ser! Não estão casados!...

NOIVA – Estou casada e muito bem casada!

NOIVO – Estamos casadinhos da silva!

PAI – Isto não tem lugar!

FAUSTINO *(Agarrando o noivo)* – Explique-me, seu coisa!

JOGATINA *(Agarrando a noiva)* – Diga-me...

PAI – Façam idéia, meus senhores: um casamento tumultuário!

JOGATINA – Tumultuário? Que quer dizer isso dizer?

OS NOIVOS e O PAI – Eu lhes digo...

FAUSTINO – Não. Fale cada qual por sua vez.

OS TRÊS – Não vê que...

JOGATINA – Tumultuário são, não há dúvida! *(Ao pai.)* Fale senhor, que é o mais velho! *(Aos outros.)* Atenção!

PAI – Eu sou pai desta rapariga, que é minha filha, se é certo o que diz minha mulher e meu amigo íntimo Doutor Salgado, que já era meu amigo antes de nascer... Este senhor, que é um bilontra...

FAUSTINO *(Cumprimentando-o.)* – Toque!

PAI – Este senhor, não tendo onde cair morto e sabendo que eu tenho onde cair vivo, andou... a fazer pé-de-alferes à pequena...

NOIVO – De alferes, não, senhor...

PAI – Pois bem, pé-de-moleque, que é o que você é... *(Continuando)* Ela, coitadinha! teve a fraqueza de se embeijar por ele... Eu opus-me ao casamento... Minha mulher e o Doutor Salgado também se opuseram. Vão eles então, combinam-se, vestem-se deste modo, que parecem duas figuras de bandeja de confeitaria, e vão ouvir missa... Ajoelham-se, e, no momento em que o vigário deita a bênção, dizem muito alto: Tomamos as pessoas presentes por testemunhas... *(Os noivos aproveitam a distração do velho e fogem.)* de que nos recebemos por marido e mulher. E receberam-se... Ah! ah! mas eu lhes darei o recibo!... A coisa não vai assim! Eu ainda estou aqui!... Oh! mas eles é que já cá não estão!... Ah! patifes! *(Sai correndo)*

JOGATINA – O progresso, seu Faustino, o progresso!

FAUSTINO – Progresso? Bilontrismo chamo-lhe eu. *(Rumor dentro.)* Que mais temos? *(Olha para o lado da Rua do Ouvidor.)*

JOGATINA *(Idem.)* – É uma francesa que, pelos modos, filou um sujeito. *(Entra Mademoiselle Grichard, segurando Rafani.)*

#### CENA IV

OS MESMOS, MADEMOISELLE GRICHARD, RAFANI, depois um VISITANTE

RAFANI – *Ma per Dio, signora! No capisco niente!*

MADemoISELLE GRICHARD – Eh bien, allons à la police!

RAFANI – *Lasciateme dunque! questo collare non é vostro!*

FAUSTINO – Conflito franco-italiano!

MADemoISELLE GRICHARD – *Il est à moi... On me l'a volé!*

JOGATINA *(A Faustino.)* – Ah! percebo: é o negócio das jóias de Mademoiselle Grichard.

FAUSTINO – Ah! outra bilontrice!

MADemoISELLE GRICHARD – *Il y a quarante et trois diamants... Voyons!*

RAFANI – *Non è vero... Sono quaranta e cinque. Esse me a stato venduto par il Commendatore Xorro.*

MADemoISELLE GRICHARD – *C'est ce que nous verrons!*

RAFANI – *Orbene, venderemo e dopo parleremo!*

MADemoISELLE GRICHARD – *Allons au subdelegué!*

RAFANI – *Dio! Dio! Andiamo dunque! (Saindo com ela.) Queste orizzontali hanno capellete alle vente!*

FAUSTINO – O pobre do Rafani está apertado!

JOGATINA – Pobre rapariga! Sabe Deus quanto lhe custou adquirir aquele colar!

FAUSTINO – É...

JOGATINA – Quem é este sujeito que aí vem a olhar para todos os lados, com uma mala debaixo do braço?

FAUSTINO (*Esbarrando pelo Viajante, que entra.*) – Oh! O senhor não vê por onde anda?

VIAJANTE – Desculpe, mas vou com muita pressa... Não tenho um momento a perder... Querem alguma coisa para a outra banda?

JOGATINA – Que vai lá fazer, se não é indiscrição?

VIAJANTE – Pois não sabem?

### *Coplas*

#### I

Dois tipos muito amigos  
Se encheram de razões;  
Tornaram-se inimigos,  
Trocaram cachações!  
Um deles, o mais forte,  
Deu mais do que apanhou,  
E o outro se acha à morte  
Da tunda que levou!  
Tem a briga um fim?  
Pode ser que sim...  
Ambos tem razão?  
Pode ser que não!

TODOS –  
Pode ser que sim...  
Pode ser que não...

#### II

VIAJANTE –  
Alegre e satisfeito  
Vou ter cos dois heróis,  
Um deles escoreito  
E o outro nos lençóis.  
Ser espinhosa deve  
A minha comissão;  
Mas digo muito em breve  
Qual deles tem razão.  
Perco o meu latim?  
Pode ser que sim...  
Venço a tal questão?  
Pode ser que não!...

TODOS –           Pode ser que sim...  
                      Pode ser que não...  
(*O Viajante sai correndo.*)

FAUSTINO – Foi uma acertada nomeação, porque este sujeito tem olho. Ó diabo! lá vêm o Comendador e a pequena! Toca a safar!

JOGATINA – Sim, mesmo porque são horas de nos prepararmos para o Bando Precatório!

## CENA V

O COMENDADOR, CAROLINA, *depois o* BALÃO JÚLIO CÉSAR

CAROLINA – Olhe, papai, seu Faustino!

COMENDADOR – Aonde, menina? Estás doida?

CAROLINA – Era ele sim, senhor; ele é o cambista.

COMENDADOR – Que cambista, menina?

CAROLINA – O tal que não esperou pelo dinheiro daquele bilhete em que eu tirei quinhentos mil réis...

COMENDADOR – Pois se era ele, não lhe gabo a companhia... Mas qual! um rapaz tão bem relacionado, que me arranjou o título de Barão!

CAROLINA (*À parte.*) – começo a desconfiar que primo Xandico tem razão. (*Olhando para dentro.*) Olhe, papai, que homem tão esquecido! Quem será?

COMENDADOR – Sei lá!

BALÃO (*Entrando.*) – É um esbulho! Aí está o que eu fui buscar a Paris! (*Ao Comendador.*) Copiaram-me, meu caro senhor, plagiaram-me!

COMENDADOR – Mas que é o senhor? Não tenho a honra de...

BALÃO – Eu sou o Balão de Santa Maria de Belém. Dá-me um charuto?

COMENDADOR – Ah! é um colega! (*Dando-lhe um charuto.*) Pois eu sou o da Vila Rica.

BALÃO – O senhor!... pois o senhor é também balão?

COMENDADOR – Sim, senhor. (*À parte.*) Não pronuncia os *rr*: é tatibitate... (*Alto.*) Mas... como dizia o colega?

BALÃO – Sabe por que ainda não subi? Faz-me favor do fogo?

COMENDADOR – Por quê?

BALÃO (*Acendendo o charuto.*) – Não subi porque não pude encher-me.

COMENDADOR – Dá-se comigo justamente o contrário: não pude encher-me porque não subi.

BALÃO – Vou recorrer ao povo. Dá-me outro charuto, para quando acabar este ?

COMENDADOR (*Dando-lho*)- Ao povo recorri eu...Mas resgaram-me o diploma...Faltou-me o apoio...

BALÃO- Apagou-se. Dá-me um fósforo? (*O Comendador dá-lho.*) Eu não preciso de diploma e achei já o meu ponto de apoio. Apagou-se; dá-me outro?... Gás!... de gás é que eu preciso!

COMENDADOR – De gás ou de fósforo?

BALÃO (*Acendendo o charuto.*) – Gás, para subir!

COMENDADOR – Ah! quer concorrer para a iluminação da cidade!

BALÃO – Nada! preciso de gás para ir às nuvens!

COMENDADOR – Às nuvens fui eu sem gás!

BALÃO – Sem gás? Que me diz, colega? Pois um balão sem gás vale lá alguma coisa! Balão sem gás é saco vazio!

COMENDADOR (*Desapontado.*) – Ai, que é balão e não barão! Agora compreendo... Carola, é o balão Júlio César! E eu a dar-lhe treta e charutos!

BALÃO – Mais um para depois do jantar...

COMENDADOR – Nada! contente-se com os que já tem... Que pedinção... O Barão da Vila Rica não é paio!

BALÃO – É Barão! Logo vi! Os barões não podem compreender-me. Só o que tem fé acredita em mim, porque a tem... ao menos no nome. Dispensar os seus charutos. Apesar de não ter gás, vou subir até às altas regiões e pedir que nomeiem uma comissão para angariar-me donativos.

COMENDADOR – Darei alguma coisa, se publicarem o meu nome por extenso: Barão de Vila Rica. Senão, não. Sou liberal da Velha Guarda, mas gosto, que me lambo todo, que me chamem pelo título!

BALÃO – Não seja esta a dúvida! Passasse bem. (*Sai.*)

## CENA VI

O COMENDADOR, CAROLINA, *depois um* TITULAR, 1º CAIXEIRO, CAIXEIROS,  
*depois 2º* CAIXEIRO

CAROLINA – Já estava cansada de esperar. Que balão cacete!

COMENDADOR – O caso é que, se ele se governasse nos ares, muita gente ficaria com cara d'asno.

TITULAR (*Entrando, acompanhado de muitos caixeirinhos, que o felicitam ruidosamente.*) – Basta! Obrigado! Larguem-me! (*À parte.*) Quem me mandou meter com crianças?

1º CAIXEIRO – Viva o nosso protetor!...

TODOS – Viva!... (*Rodeiam o Titular.*)

*Coro de caixeiros*

*(Música de Gomes Cardim.)*

Viva o nosso amigo,  
Nosso defensor,  
Que é da nobre classe  
Nobre protetor!  
Viva o fechamento,  
Que abre os corações!  
Viva a caixeirada!  
Fora os tais patrões!

TITULAR – Basta, já disse! Basta de demonstração! (*Vendo o comendador.*) Ó meu nobre amigo! por aqui?

COMENDADOR – Como vê, e admirado de o encontrar cercado por essa rapaziada!

TITULAR – Não me largam desde pela manhã. Fui propor o fechamento das portas, e agora o verás!

1º CAIXEIRO – Viva o protetor da nobre classe caixeiral!

TODOS – Viva! viva!...

TITULAR – Vão embora, meus amiguinhos, vão tratar de suas obrigações. Eu tenho quarenta anos...

COMENDADOR – Só?

TITULAR – Só *(Aos caixeiros.)* Estou no caso de lhes dar conselhos.

1º CAIXEIRO – Viva o nosso conselheiro!

TODOS – Viva!

TITULAR – Já me apresentei candidato a senador...

1º CAIXEIRO – Viva o nosso senador!...

TODOS – Viva!

2º CAIXEIRO – *(Entrando esbaforido, aos outros.)* – Sabem?... Uma grande... novidade!

TODOS – Qual é? qual é?

2º CAIXEIRO – Chegou...

TODOS – Quem?

2º CAIXEIRO – Chegou o Sousa Bastos e a Pepa!

TODOS – Viva a Pepa! Viva! Vamos vê-la! Viva a Pepa!... *(Saem a dar vivas.)*

TITULAR – Ora aí está o que é a popularidade! Eu contava, pelo menos, com o retrato a óleo. *(Alto.)* Fica, Comendador?

COMENDADOR – Fico ainda um momento *(A Carolina.)* Comendador... É célebre! Ainda ninguém sabe que eu sou Barão!

TITULAR – Então, até sempre. *(Sai. Ouve-se música dentro.)*

CAROLINA – Papai, aí vem o Bando Precatório.

## CENA VII

COMENDADOR, CAROLINA, FAUSTINO, JOGATINA, o TRABALHO, o BANDO PRECATÓRIO

*(Começa a desfilar o Bando Precatório. Faustino e Jogatina são dos primeiros que chegam, de casaca ambos, e trazendo no braço o distintivo da imprensa. O Trabalho entra pelo outro lado, disfarçado de vendedor de jornais. Muitos indivíduos, todos com o mesmo distintivo, entram, uns com sacolas na mão, outros com elas presas à ponta de uma vara. O Comendador é vítima dos pedintes.)*

COMENDADOR – Nada! vou trocar cinco mil réis em níqueis ali no quiosque! *(Faz o que diz.)*

FAUSTINO *(A Jogatina.)* – Já tenho uns vinte bodes. E tu?

JOGATINA – Há de andar por isso.

FAUSTINO – Disfarça e passa dez para o bolso. Eu faço o mesmo.

JOGATINA *(Em tom de censura.)* – Dinheiro das vítimas da...

FAUSTINO *(Impaciente.)* – Anda, Luzia! *(Fazem a ladroeira.)* Oh! O Campelo! Se ele já deu pela coisa... *(Vendo que o Comendador lhe sorri.)* Ah! não! *(Aproximando-se.)* Comendador, para as vítimas dos terremotos! *(Jogatina pede do outro lado da cena.)*

COMENDADOR – Olá! o senhor é também jornalista?

FAUTINO – Por hoje só... Para servir aos meus amigos da imprensa. Ah! O Comendador... perdão! o Barão há de encontrar no Bando um bando de indivíduos que se acham nas minhas condições.

COMENDADOR (*Dando-lhe níqueis.*) – Aí tem.

FAUTINO (*Baixo a Carolina.*) – Como está?

CAROLINA – Muito zangada com o senhor! Aquilo faz-se? Despedir-se sem falar com a gente!

FAUSTINO (*Disfarçando.*) – Oh! lá vai o Freitas! Vou apanhar-lhe uns níqueis! (*Vai correndo e encontra-se com o Trabalho.*)

TRABALHO – Um momento!

FAUSTINO – Oh!

TRABALHO – Toma estes jornais. Antes os venda do que finjas escrevê-los. Estás extorquindo dinheiro dos desgraçados, lançando uma nota triste nesta esplêndida festa de caridade! Vai trabalhar!

FAUSTINO – Sabes que mais? Toma! (*Dá-lhe um pontapé.*)

TRABALHO – É o segundo pontapé que dás no Trabalho. São pontapés que dás em ti mesmo! (*Entram jornalistas a cavalo. Banda de música. Movimento. Entusiasmo. Animação. Mutações.*)

## QUADRO VII

O Bando Precatório

*Apoteose*

*(O Anjo da Caridade, no céu, derrama flores e moedas de ouro sobre o cortejo. Fogos, etc.)*

## ATO II

## QUADRO VIII

*Sala de fantasia*

## CENA I

FAUSTINO, JOGATINA, *vestida de mulher*

FAUSTINO – Mas, afinal de contas, onde estamos nós?

JOGATINA – No Palácio dos Teatros.

FAUSTINO – É bonito, é; mas não me dirás o que vimos aqui fazer?

JOGATINA – Quer acender-te o desejo do único jogo que ainda não tentaste.

FAUSTINO – Qual?

JOGATINA – O câmbio de teatro. Faze-te cambista de bilhetes. Se fores feliz, firmarás a tua independência.

FAUSTINO – Mas eu não entendo disto...

JOGATINA – Foi essa justamente a razão por que aqui te trouxe. Vais conhecer os diversos gêneros teatrais. Ouve...

*Rondó*

Moram aqui de cambulhada  
Os vários gêneros teatrais,  
O Dramalhão de capa e espada,  
A peça fina, e todos mais.  
Estão aqui, promiscuamente,  
Na nova Torre de Babel,  
A nova Farsa mais recente  
E a velha Farsa de Cordel.  
A par da rígida Tragédia,  
Que nos faz lágrimas verter,  
Acha-se a pândega Comédia,  
Que a todos faz rir a perder.  
Aqui também se acha a Opereta  
De quem se diz bastante mal,  
Por ter bastante malagueta  
E muitas vezes não ter sal.  
Também cá mora a Ópera séria  
E, quando a voz levanta aqui,  
Ninguém aventa uma pilhéria,  
Que a todos vence o dó-ré-mi!

Moram aqui de cambulhada etc.

Mas vivem todos só da fama:  
Chega a cortar o coração  
Ver como aqui vegeta o Drama,  
Como agoniza o Dramalhão.  
A mesma Op'reta – quem diria? –  
Deixou de ser o que já foi;  
A Tragédia ficou pra tia:  
Já não é mais que um pé-de-boi.  
Se não melhoram estes fados,  
Continuando a esbodegação,  
Os vários gêneros, coitados  
Fazer a trouxa poderão.  
Mas o deus Público decerto  
Em maus lençóis nunca os porá,  
E assim o teatro, embora aberto,  
As portas nunca fechará.

Moram aqui de cambulhada, etc.

FAUSTINO – Então, moram aqui?...

JOGATINA – Que sei eu! a Ópera, a Tragédia, o Drama, o Dramalhão, a Comédia, a Opereta, a Mágica...

FAUSTINO – Tantos?! E vivem em harmonia?

JOGATINA – Como o cão com o gato. Espera. Vou buscá-los. (*Sai.*)

FAUSTINO (*Só.*) – Isto não vai bem, seu Faustino, isto não vai bem! É preciso mudar de rumo... Os negócios vão de mal a pior. Começo a notar certa frieza no Campelo... Aquele decreto falsificado tira-me o sono! Não teria sido melhor procurar um emprego, qualquer que fosse?

## CENA II

### FAUSTINO, o TRABALHO

TRABALHO (*Levantando-se na orquestra, onde finge ser tocador de oficleide.*) – Muito apoiado! Vá por aí!

FAUSTINO – Oh! Ainda!...

TRABALHO – Ainda e sempre.

FAUSTINO – Nova reforma do *Remorso Vivo!*

TRABALHO – Toma este instrumento; aprende a tocá-lo, e vem trabalhar cá na orquestra.

FAUSTINO – É de ouro?

TRABALHO – Não; mas ouro é o que ouro vale.

FAUSTINO – Então vai-te catar! Ora que eu não possa dar um passo sem encontrar este tipo!

### *Duettino*

(*Música de Gomes Cardim.*)

FAUSTINO – Que trabalho tão maçante!

Já o não posso tolerar!

Aparece a todo instante!

TRABALHO – Anda cá, vem trabalhar (*Solo de oficleide.*)

FAUSTINO – Ei-lo armado de oficleide!

Afinal diga o que quer!

TRABALHO – Qu'lides!

FAUSTINO – Qu'lide?

TRABALHO – Qu'lides!

FAUSTINO – Qu'lide?

*Pois que lide quem quiser! (Solo de oficleide.)*

### *Juntos*

TRABALHO – Que grande vagabundo!

Não tem mais correção!

Engana a todo mundo

Sem consideração!

FAUSTINO – Torna-me furibundo

Tamanha amolação!  
Até o fim do mundo  
Me of'rece ocupação!  
TRABALHO - Se não tocas o instrumento,  
Rufa ao menos o tambor!  
Desce cá por um momento...  
FAUSTINO – Não me amole por favor!

*(Solo por Faustino, que imita o oficleide com as mãos na boca.)*

TRABALHO – Desde já te participo  
Que hás de ter um fim fatal!  
FAUSTINO – Tipo!  
TRABALHO – Tipo!  
FAUSTINO – Tipo!  
TRABALHO – Tipo!  
Hás de, amigo, acabar mal!

*Juntos*

TRABALHO  
Que grande vagabundo, etc.

FAUSTINO  
Torna-me furibundo, etc.

*(No fim do duettino desaparece o Trabalho.)*

FAUSTINO – Ah! musca-se? Melhor! Há mais tempo!

### CENA III

FAUSTINO, JOGATINA, a ÓPERA, a TRAGÉDIA, a OPERETA, o DRAMALHÃO  
e a MÁGICA

JOGATINA – Cá estão os donos da casa. *(Apresentando.)* A Tragédia... a Ópera...  
a Opereta... o Dramalhão... e a Mágica. *(Cumprimentos mudos.)*

FAUSTINO – E o Drama? E a Comédia?

DRAMALHÃO – Não estão em casa.

OPERETA - *Ils sont allés* ao Teatro de São Pedro de Alcântara.

TRAGÉDIA – Onde neste momento são honrados  
Por um talento lúcido, assombroso!

TODOS – A Duse-Checchi!

JOGATINA – Tragédia, diga a este senhor o que lhe podes oferecer.

TRAGÉDIA – O que lhe posso oferecer... Vergonhas!  
Doces lembranças de um passado morto,  
Quando ainda no palco fluminense  
Brilhava à luz da rampa o grão Racine

E o terrível Corneille iluminava  
Com o gênio seu do povo a inteligência;  
Quando Antônio José queimado ardia  
Da Inquisição na estúpida fogueira,  
E Hedelmonda morria aos pés de Otelo,  
E a *Nova Castro* soluçava idílios,  
A *Nova Castro* que hoje raramente  
O Florindo remonta e o bom Barbosa.

(*Todos os personagens vão aos poucos dormindo em pé.*)

Ultimamente reanimar quiseram  
O meu cadáver clássico: de Espanha  
O *Seio da Morte* Echegaray mandou-nos,  
Que dois mancebos, talentosos ambos,  
Vencendo o sono traduzir lograram.  
Baldado esforço! Nem valeu ter sido  
Recomendado o poema por um César!  
De bem alto caiu: foi grande a queda!  
Mas, justos céus! que vejo! todos dormem!  
Ao trêfego Morfeu quando eu declamo!  
Ninguém resiste! Ó fado! Ó sina! Ó numes!  
Se, porém, quereis ver como despertam,  
Basta que eu cante um pândego estribilho  
De insulsa ópera-bufa! E vou fazê-lo:

(*Cantando e dançando ao som da Mascote.*)

Mas ninguém tema o macacão  
Qu'hão deitar-lhe...  
Qu'hão deitar-lhe...  
Mas ninguém tema o macacão,  
Qu'hão de deitar-lhe a mão:  
Zás!

(*Têm todos despertado e dançam.*)

Vistes! Foi necessário que eu espojasse  
No chão brejeiro a clâmide sagrada  
Para que o som da minha voz ouvissem!

(*Vai para o fundo.*)

FAUSTINO (*À parte.*) – Será o Trabalho, disfarçado ainda?

JOGATINA – Para este gênero são precisos atores excepcionais. – Dramalhão, que novidades nos dás?

DRAMALHÃO – Nenhuma, senhora, se bem que ainda não soasse a hora de meu aniquilamento.

FAUSTINO – Que! pois não tens nada de novo?

DRAMALHÃO – Não! Que não é novo o *Palhaço*, um dramalhão em que João Caetano transformava D'Ennery em Shakespeare... Não são novas as *Duas Órfãs*... e os *Estranguladores de Paris* há muito tempo estrangulam a paciência do público... Não é nova a *Cruz da Morta* nem o *Assassino por Amor*, nem o *Remorso Vivo*, nem *João, o Cocheiro*, que não é outro senão o *Guia da Montanha*, que não é outro senão o *Fiacre Número 226*. Mas vou reanimar uma grande figura, imensa no romance, decrescida no teatro, mas sempre interessante e eterna.

TODOS – Qual?  
DRAMALHÃO – Ressurge, Edmundo Dantés, abade Busoni; Simbad, o marítimo; Zaconne; Conde de Monte Cristo! (*Forte na orquestra. Surge de um alçapão o Conde de Monte Cristo.*)

#### CENA IV

##### OS MESMOS, O CONDE DE MONTE CRISTO

CONDE DE MONTE CRISTO – Temerário! quem te autorizou a me filiares ao teu gênero falso e condenado? Por que evocas o meu prestígio para inoculares em tuas veias depauperadas uma gota do meu sangue romântico? Não receias que eu puna a tua audácia?... e que, depois de encerrado, por tantos anos, no castelo de If do esquecimento público, eu volte com todas as veemências, com todas as energias?

DRAMALHÃO – Vilão, que usas de muitos nomes, como os vagabundos e ratoneiros; conde macanjo, que assim pagas a nova existência que te proporciono! Não temes que eu te obrigue a assinar termo de bem viver?

CONDE DE MONTE CRISTO – Uso de muitos nomes, é certo; mas o meu nome verdadeiro... basta que eu o pronuncie para fulminar-te, a ti e a todos os teus adeptos!

DRAMALHÃO – Este nome é?...

CONDE DE MONTE CRISTO – Alexandre Dumas!

TODOS – Ah! (*Fogem. Ouve-se dentro um tiro.*)

CONDE DE MONTE CRISTO – Ah! ah! ah! (*Some-se. Voltam todos, menos o Dramalhão.*)

TRAGÉDIA – O Dramalhão, coitado! Suicidou-se!

Move-me a piedade o seu suicídio!

FAUSTINO (*Da porta.*) – Já se foi embora esse maluco?

JOGATINA – Amenizemos esta cena lúgubre. – Mágica!

MÁGICA – Que desejas, Princesa Virtuosa?

JOGATINA – Deixa-te de ironias. Que novidades me ofereces?

MÁGICA – Vem comigo à rocha de ouro, onde se oculta o feiticeiro azul.

FAUSTINO – Não é isso que desejamos.

MÁGICA – Que pretendes, mortal ousado? Trazes contigo o talismã da fada de coral? e o ramo de esmeraldas da deusa das buzinas?

FAUSTINO – Quem é essa deusa das buzinas?

JOGATINA – Deve ser uma espécie de Mariquinhas dos Apitos.

FAUSTINO – Não; não trago buzinas nem apitos (*À parte.*) Que diabo de estilo tem esta mulher!

MÁGICA – A Fada Melusina e o Príncipe Formoso...

JOGATINA – Não se trata agora disso... Que novidades me ofereces? É a segunda vez que te faço tal pergunta.

MÁGICA – Uma só: o *Gênio do Fogo*.

FAUSTINO – Que gênio é esse?

MÁGICA – Ele próprio to dirá... *Gênio do Fogo*, surge do teu reino subterrâneo! (*Surge do chão o Gênio do Fogo.*)

## CENA V

### OS MESMOS, GÊNIO DO FOGO

MÁGICA – Ei-lo!

FAUSTINO – Apesar da propaganda abolicionista, vele bem novecentos mil réis pela nova lei.

JOGATINA – Enganas-te: não vale nada. Experimenta: dirige-lhe a palavra.

FAUSTINO – Então? Diga alguma coisa! (*O Gênio do Fogo ri-se alvarmente.*)

JOGATINA – Vês? Estúpido como uma porta!

TRAGÉDIA – Tempos! ó tempos! rápidos passastes!

Eis o teatro brasileiro, ó Numes! (*O Gênio ri-se como acima.*)

JOGATINA – Sabes que mais? Rua!

FAUSTINO – Rua, ou mando-te rapar a cabeça na polícia! Rua! (*O Gênio do Fogo some-se, rindo-se sempre.*)

JOGATINA – Este Gênio do Fogo não tem o fogo do gênio.

## CENA VI

### OS MESMOS, *menos o* GÊNIO DO FOGO

ÓPERA – Com efeito! estou aqui há duas horas, eu, a Ópera, o gênero teatral mais nobre e elevado, e ninguém me dá importância, ninguém me dirige a palavra, como se eu fosse para aí qualquer coisinha!

OPERETA - *Vous n'avez pas* razão de queixa, porque sois mui cara. *Io tengo più ragione di essere irritata!*

ÓPERA – Já lhe tenho dito um milhão de vezes que não se meta com a minha vida... Entre nós nada há de comum!

FAUSTINO – A Ópera e a Opereta escamam-se!

JOGATINA – Andam sempre assim!

OPERETA – *Questa* orgulhosa se imagina que me *fait peur!* *No la temo!*

FAUSTINO – Reparaste que a Opereta fala todas as línguas ao mesmo tempo?

JOGATINA – Menos a portuguesa.

ÓPERA – Um sopro meu é bastante para pulverizar-te!

FAUSTINO – Temos outra vez a cena do Monte Cristo?

ÓPERA – Julguem-nos! Julguem entre a *Gioconda* e a *Ave do Paraíso!*

OPERETA - *Si tu m'insultes*, dou-te um bofetão, e *te quedarás com el.*

ÓPERA – Um bofetão! Em mim?! Em mim... Oh!...

### *Dueto*

ÓPERA – Opereta incivil, malcriada,  
Que o bom gosto expulsou de Paris,  
Vai haver uma grande estralada  
Se a mostarda me chega ao nariz!

OPERETA – Não suponhas, mulher, que o teu luxo  
De despeito me faça estoirar!  
Eu protesto que agüento o repuxo

E te posso com os pés esmagar!  
ÓPERA – Que me toques duvido!  
OPERETA – Olha lá, não me assustes!  
ÓPERA – Sou mais forte, verás!  
OPERETA – Deixa-me em paz!

(*Juntas*)

ÓPERA  
Opereta incivil, etc.

OPERETA  
Não suponhas, mulher, etc.

(*Engalfinham-se; Jogatina separa-as.*)

JOGATINA – Então, minhas senhoras, então? Isso é feio! A Ópera e a Opereta podem viver perfeitamente sem se engalfinharem! – Vamos lá, digam-me: que novidades nos oferecem?

(*A Ópera e a Opereta falam ambas ao mesmo tempo.*)

ÓPERA – A *Gioconda*! Vem ver como é bela! Que música! Que bailados!...

OPERETA – A *Ave do Paraíso*, a *Princesa das Canárias*... *Amar sem conhecer*...

Vem ver que lindas!

JOGATINA – Tá, tá, tá, devagar! Cada qual por sua vez!

FAUSTINO – Ouvi falar em bailados: são coisa que se veja?

ÓPERA – Os bailados da *Gioconda*? Estupendos! Principalmente o das horas!

JOGATINA – O bailado das horas! Ah! é belíssimo!...

ÓPERA – Querem ver? (*Faz um sinal ao regente da orquestra.*) Faz favor?

(*Música.*)

### *Bailado das horas*

FAUSTINO (*A Jogatina.*) – Para falar-te francamente: ainda não vi coisa que me enchesse as medidas.

JOGATINA – Talvez que entre os hóspedes encontres alguns que te agradem.

FAUSTINO – Como entre os hóspedes?

JOGATINA – Sim, porque os teatros dão muitas vezes hospedagem a outros gêneros de espetáculos, que não são nem a tragédia, nem o dramalhão, nem a ópera, etc.

FAUSTINO – Ah! compreendo... Que temos então?

JOGATINA – A *Estudiantina Figaro*, por exemplo.

FAUSTINO – Nada; estudiantina já ouvimos uma, e é quanto basta.

JOGATINA – O *Capitão Voyer*, que é coisa papafina e única no seu gênero.

FAUSTINO – Ah, sim? Que faz esse Capitão? É algum mestre-de-armas?

JOGATINA – Não; é um músico.

FAUSTINO – Que instrumento toca?

JOGATINA – O mais vulgar, porém não o menos apreciado. Vais ver! (*Fazendo um sinal para dentro.*) Eh! ó capitão!

## CENA VII

OS MESMOS, o CAPITÃO VOYER, depois o TRABALHO

CAPITÃO VOYER (*Entrando a conduzir um realejo-piano, assente sobre duas rodas.*) – Cá estou!

FAUSTINO – Um realejo!...

ÓPERA – Oh!...

CAPITÃO VOYER – Um realejo-piano! Há muito quem diga que qualquer pode tocar este instrumento em que tenho recebido justa e merecida celebridade. É um engano! É preciso bravura e expressão. Eu, como pianista, tenho a expressão e, como capitão, tenho a bravura! Ah! este instrumento tem também os seus segredos, como outro qualquer. E, senão, vejam... (*Toca.*) *Andante... Allegro... Affrettato... Ralutando... Allegretto... Più mosso... Presto... Prestissimo... Prestississimo...*

JOGATINA – Não há dúvida: o Capitão com seu instrumento vai longe!

FAUSTINO – Vai, sim; e quem o manda sou eu.

CAPITÃO – E vou mesmo. *Piano, piano, se va lontano.* (*Sai tocando.*)

FAUSTINO – Este capitão está no mato! Que mais temos?

JOGATINA – Temos o Bosco, o grande Bosco!... (*Fazendo um sinal.*) Entre o Bosco! (*Um elefante entra e atravessa a cena: quando passa perto de Faustino, sai o Trabalho de uma das pernas.*)

TRABALHO (*A Faustino.*) Vem trabalhar! Vem, ao menos, ser perna de elefante!

FAUSTINO – Ó Senhor!... que sarna!...

JOGATINA – Bem, só me resta mostrar-te os leões nubianos.

FAUSTINO – Nada de brincadeiras! Deixa lá ficar os leões! Mostra-me animais menos perigosos...

JOGATINA – Nesse caso, venha o pessoal do Senhor Salvini! (*A um sinal, entram os macacos, que executam uma pequena dança, rodeando a Tragédia.*)

TRAGÉDIA (*Declamando durante a dança.*)

Não faltava mais nada! Eis o teatro  
A que está reduzido nesta terra!  
Leões, macacos, elefantes, tigres,  
Gatos, cachorros, cabras e cavalos...  
É uma Arca de Noé, não é teatro!  
Sobre os ombros Martins o encargo toma  
De reanimar o palco brasileiro,  
E o esforço seu não é recompensado!  
Três peças nacionais de balde exhibe!  
Nem o *Luxo e vaidade*, de Macedo,  
Nem *A Lei de Vinte e Oito de Setembro*.  
Nem *Venenos que Curam* – chamam gente  
E o público desperta! Eis o teatro  
A que está reduzido nesta terra!...

## CENA VIII

### OS MESMOS, o RECREIO DA CIDADE NOVA

RECREIO – Então comigo não se conta?

TODOS – Quem é?

RECREIO – Quem é... quem é... Olha as imposturias! Ó gentes! Eu sou o Recreio da Cidade Nova!

TODOS – Olá!...

JOGATINA – O *ex-Filomena Borges!*

RECREIO – Então? Não se façam de *bãos*, porque tão *bão* como tão *bão*, o pobre também *veve*.

FAUSTINO – Ó amigo, olhe que não é *veve*: é *vive*.

RECREIO – Eu bem sei, seu *doutô*, eu bem sei... Mas disse *veve* muito de *prepósito* para levar a coisa ao superlativo!

MÁGICA – Mas que desejás, mortal ousado?

OPERETA - *Dites-nous ce que usted pretende!*

ÓPERA – E pronto!

TRAGÉDIA – Sim, que pretendes, capadócio? Fala!

RECREIO – Cá o degas vem convidar toda a *mestrança* para assistir a uma *arrepresentação* da *Morgadinha de Valflor*.

TODOS (*Escar necendo.*) – Oh! Oh! Oh!...

RECREIO – Se vissem como o diabo da cômica vai bem! (*Arremedando.*)

“Criança, sabes lá o que é o amor. Lago que a brisa encrespa, e que já se julga oceano! Sabes o que são as longas insônias, as noites sem repouso, os dias sem distração? Oh, não! não ames nunca, criança... Deixa-me passar, quero vê-lo!” Venham, venham, que ninguém se há de arrepender-*se!*

TODOS – Pois vamos! Vamos...

RECREIO – Mas, antes disso, ouçam lá o lundu do Recreio da Cidade Nova!

TODOS – Ouçamos! ouçamos!...

### *Lundu*

#### I

RECREIO – Quem quer que a noitada  
Se passe depressa,  
Que compre uma entrada  
Pra ouvir uma peça!

CORO – Ah! ah!  
Ah! ah! ah!

RECREIO – Bonito, Filipe!

CORO – Quá! quá! quá!

#### II

RECREIO – O drama na cena  
Não anda à matroca:  
Não sou Filomena,  
Não sou João Minhoca!

CORO – Ah! ah!  
Ah! ah! ah!

RECREIO – Ai seu Filipe!

CORO – Quá! quá! quá!

### III

RECREIO – E, se continua  
Sucesso assim tanto,  
Eu vou para a Rua  
Do Espírito Santo...

CORO – Ah! ah!  
Ah! ah! ah!

RECREIO – Ataca, Filipe!

CORO – Quá! quá! quá!

TODOS – Bem! vamos! vamos!... (*Saem. Mutaçãõ.*)

### QUADRO IX

*A caixa do Teatro São Pedro de Alcântara, vista de dentro para fora. A cena passa-se no palco. Ao fundo, o pano de boca está decido. A cena está às escuras.*

### CENA I

#### O TRABALHO, depois EMPREGADOS DO TEATRO

*(Entra o Trabalho, disfarçado em gasista, e começa a acender as gambiarras. Pouco a pouco aparecem alguns empregados, que descem ao proscênio.)*

CORO – É trabalhar  
Sem mais tardar!  
Tempo não há pra descansar!

TRABALHO – “É trabalhar”, e não se mexem!  
Isso deveras me exacerba!  
Meus bons amigos, não me vexem...  
Trabalhem, pois, e *res non verba*.

CORO – Oh, que gasista amolador!  
Ordena como um grão-senhor!  
Meu caro amigo, melhor faz  
Se for tratar de ver o gás!  
É trabalhar, etc.

1º. EMPREGADO – Parece que a madame Chechi não está boa...

2º. EMPREGADO – Não é Chechi... é Cheche.

3º. EMPREGADO – Não é Cheche... é Checchi.

TRABALHO – Ora Chechi. Daqui a pouco vocês chamam ao Andó, Chuchu!

1º. EMPREGADO – Então para que escrevem com ch? C, h, é, ché; c, h, i, chi.  
Chechi.

2º. EMPREGADO – O bonito é se não há espetáculo!

1º. EMPREGADO – Seria a segunda transferência nesta semana.

TRABALHO – Vão trabalhar... deixem-se de prosa.

1º. EMPREGADO – Ora cuide de sua vida! (*Aos outros.*) É cacete este gasista.

TRABALHO – Sou cacete, porque não gosto de vadiação. Valha-os Deus! valha-os Deus! (*Sai.*)

1º. EMPREGADO – Gosto muito da peça que vai hoje.

2º. EMPREGADO – Também eu. Quanto mais se a gente entendesse!

1º. EMPREGADO – Sempre queria que me dissessem por que eles não representam em português!

3º. EMPREGADO – Pois se são italianos!

1º. EMPREGADO – Por isso não: todos os teatros estão cheios de estrangeiros, que representam em português!

2º. EMPREGADO – É verdade! Tu não viste o Bordrini?

1º. EMPREGADO – E a Rosa Mariz?

2º. EMPREGADO – E o Poleiro... e o Vanimel...

3º. EMPREGADO – Esse não é estrangeiro: é português. (*Durante este diálogo, os empregados que não falam têm arranjado a cena.*)

## CENA II

### OS EMPREGADOS, o EMPRESÁRIO

EMPRESÁRIO – *Sono otto ore... La scena é arranjata?*

1º. EMPREGADO – *Oui, monsiù.*

EMPRESÁRIO – *Domandate dunque a la Signora Duse se é prompta?*

1º. EMPREGADO – *Oui, monsiù.*

3º. EMPREGADO – Parece que a madama não está boa.

EMPRESÁRIO – *É malata la Signora Duse? Ma Dio! andate a vedere... Andate via e ritornate presto!*

1º. EMPREGADO – *Oui, monsiù. (Sai a correr. Os outros empregados afastam-se pouco a pouco e saem.)*

EMPRESÁRIO (*Só.*) – *É amalata, ma recita: questo é l'essenziale. Una bella serata!... Tutti i palchi sono venduti!... Molta gente! brava gente! Vá bene, vá benissimo! Io sono um impresario veramente felice!*

## CENA III

### O EMPRESÁRIO, JOGATINA, FAUSTINO

JOGATINA (*Vestida como no quadro precedente.*) – Ó meu caro! como tem passado?

EMPRESÁRIO – *Bene, grazie tante. Cosa vuole?*

JOGATINA – Este senhor é pessoa de minha amizade...

EMPRESÁRIO – *Buona sera, signore.*

FAUSTINO – ...e queria uns bilhetes para o espetáculo.

EMPRESÁRIO – *Per lei? Palco?... cadeira?...*

FAUSTINO – Cadeiras... algumas cadeiras.

JOGATINA – *Per il cambio...*

EMPRESÁRIO – *Ah! Capisco!... Quante ne vuole?*

FAUSTINO – *Io non "parlate" italiano.*

JOGATINA – Bastam vinte e cinco ou trinta. Amanhã pela manhã ele trará o quatrini.

EMPRESÁRIO – *Oh! no, no! Fiato, no!*

JOGATINA - Eu responsabilizo-me. (*Sorrindo com faceirice.*) É capaz de recusar a minha firma?

FAUSTINO (*À parte.*) – Boa firma!...

EMPRESÁRIO – *Bene! bene!... me ne vó a vedere. Aspetate un pó. (Sai, e Jogatina vai espreitar, pelo buraco do pano de boca, para a platéia.)*

#### CENA IV

##### OS MESMOS, O TRABALHO

FAUSTINO – Bom; as bichas pegaram. Arranjei uns trinta ou quarenta bodes... Vou até a bilheteria... (*Vai a sair e encontra o Trabalho, que tem entrado com o acendedor na mão.*)

TRABALHO – Um momento!

FAUSTINO (*Fora de si.*) – Ora bolas! Isto já passa de desaforo!...

TRABALHO – Toma este acendedor!

FAUSTINO – Pois até gasista?! Você tem mais profissões que o Conde de Monte Cristo!

TRABALHO (*Imperturbável.*) – Vai acender o gás do porão.

FAUSTINO – Não me aborreças, senão queixo-me ao empresário, que ali vem...

TRABALHO – Tempo virá em que te hás de arrepender...

FAUSTINO – Isso já é um estribilho... Olhe, ponha-o em música, e apareça. (*O Trabalho sai.*)

JOGATINA – Parece que há grande influência.

(*O contra-regra entra e dá sinal para a orquestra; pouco depois ouve-se a ouverture.*)

#### CENA V

##### OS MESMOS, O EMPRESÁRIO

EMPRESÁRIO (*Dando bilhetes a Faustino.*) – *Ecco! Domani mattina lei me apoterá il danaro?*

FAUSTINO – Essa é boa! Hoje mesmo... não é preciso *domani mattina... hoje mesmo, antes de acabar o espetáculo.*

EMPRESÁRIO – *Tanto meglio... Aspetteró...*

JOGATINA – E nós, vamos...

EMPRESÁRIO – *Addio... addio... Sono ocupatissimo, e stá per comminciare lo spettacolo. (Saem Faustino e Jogatina.)*

#### CENA VI

O EMPRESÁRIO, o CONTRA-REGRA, depois uma ATRIZ, um ATOR e várias pessoas

CONTRA-REGRA (*Entrando com um castiçal e um papel na mão.*) – Pronto?  
EMPRESÁRIO – Pronto!

(*A Atriz entra cercada por muitas pessoas, que a cumprimentam, e dirige-se para o fundo. Rumor e conversação imperceptível durante algum tempo.*)

CONTRA-REGRA (*Ouvindo parar a orquestra.*) – Fora de cena!... fora de cena!... (*Apita. A cena esvazia-se como por encanto. Só ficam a Atriz e o Ator, ao fundo, de costas para o público. Novo apito. Sobe o pano de boca e ouve-se uma grande salva de palmas.*)

## QUADRO X

*A sala do Teatro São Pedro de Alcântara, vista da caixa, em noite de espetáculo e de enchente real.*

## CENA ÚNICA

A ATRIZ, o ATOR, depois o EMPRESÁRIO, EMPREGADOS e CURIOSOS, depois um SUJEITO que quer saber para onde se mudou a Companhia Montedônio.

(*Durante o diálogo que se segue e que pode ser dito de modo que os espectadores reais pouco percebam, a Atriz vai parecendo pouco e pouco incomodada, até que desmaia.*)

ATOR – Signora duchessa, há visto il Conte?

ATRIZ – Non me ne parlate. Questo uomo esercita un sinistro influisso sulla mia esistenza; è il mio cativo genio. Con tutto questo, una forza irresistibile mi spinge, malgrado mio, verso di lui!

ATOR – Voi l'amate.

ATRIZ – E chi ne sa? Questo uomo... (*Interrompendo-se.*) Ah! (*Leva a mão ao peito. O Ator corre para ela e ampara-a. Cai o pano do fundo. A cena enche-se de pessoas que correm para a Atriz, carregam-na e levam-na para o interior. Ao mesmo tempo, os empregados tiram os acessórios de cena.*)

EMPRESÁRIO (*Entrando, fora de si.*) – Dio! Dio! La signora Duse sempre ammalata! Il signor Rossi ammalato! La signora Aleoti è stata ammalata! Tutti sono ammalati! Di questa maniera anch'io finirò per cadere ammalato! Ma come la signora Duse, una donna così ideale, così delicata, è vittima di una indigestione! – Pazienza! Pazienza!... (*Vai a sair e encontra o sujeito que quer saber para onde se mudou a Companhia Montedônio.*)

O SUJEITO (*Entrando.*) – Boa noite: sabe me dizer para onde se mudou a Companhia Montedônio?

EMPRESÁRIO – Lasciateme, seccatore! (*Sai.*)

SUJEITO (*Só, ao público.*) – Pois não! Dizem-me que a empresa Montedônio está na Fênix; vou à Fênix e bato com a cara na porta. O barbeiro de defronte informa-me que o Montedônio foi para o Príncipe. Corro ao Príncipe! qual Montedônio, qual nada! O barbeiro da esquina explica-me a coisa: o Montedônio foi para Niterói. Tomo a barca, atravesso a baía... Qual Montedônio nem meio Montedônio! Um barbeiro, que faz barbas a seis vinténs (*Sendo em dúzia, há um abatimento*), diz-me que o Montedônio viera para o Lucinda. Toca para o Lucinda: nem novas nem mandados! Estará ele no Politeama? Eu queria impingir-lhe a minha peça *Os filhos da genitalha*... Vou informar-me com o barbeiro da ilharga. *Addio!* (*Sai. Mutação.*)

## QUADRO XI

*O terraço do Teatro São Pedro de Alcântara em noite de espetáculo.*

### CENA I

ESPECTADORES *de ambos os sexos*, JOGATINA e FAUSTINO, *que entram no fim do coro*

CORO - É monumental!  
Viram coisa igual?  
Que estopada!  
Que maçada!  
E por mangação  
Outra peça dão!  
A Duse está doente;  
Mas que será?  
Ela enferma está...  
'Sta constantemente!  
É monumental, etc.

FAUSTINO (*Entrando, acompanhado por Jogatina.*) – Bonito! E agora?

JOGATINA – Quem esperava por isso?

FAUSTINO – Já é caiporismo! E ainda vem o tal Andó, muito lampeiro, dizer que, em vez do drama, se representam duas comédias em que não entra a Duse!...

JOGATINA – Foste roubado...

FAUSTINO – Ainda se transferissem o espetáculo e restituíssem o dinheiro das cadeiras...

JOGATINA – Restituíssem! Mas se não pagaste?

FAUSTINO – Pois justamente nisso é que estava o câmbio...

JOGATINA – Afinal de contas, és tu que me dás lições... Que bilontra!

FAUSTINO – Agora ninguém comprará o resto dos bilhetes! E eu fiquei de os pagar... Ora adeus! mais uma vítima pouco importa!... (*Vão para a balaustrada do terraço e olham para fora.*)

### CENA II

OS MESMOS, COMENDADOR, CAROLINA e ALEXANDRE

COMENDADOR – Pois eu sou fanático por ela! Aquilo é que é talento! Ignoro quais sejam as opiniões políticas desta excelente Atriz, mas a verdade deve dizer-se.

CAROLINA – Mas é tão feia... tão espondongada...

ALEXANDRE – Não diga isso, prima Carola... eu acho-a até elegante!

CAROLINA – Com aqueles braços para trás e os vestidos a lamberem o chão?

ALEXANDRE – Por isso mesmo; sai fora do comum.

CAROLINA – E o andar? Que desengonçada! Até já ouvi dizer que ela tem uma perna mais comprida que a outra!

COMENDADOR – Ó menina! não é assim que se faz crítica dramática! (*Outro tom.*) Vocês querem tomar alguma coisa?

CAROLINA – Não, senhor; vá vossemecê tomar o que quiser, que nós ficamos tomando fresco.

COMENDADOR – Então vou saborear um grogue ali junto ao Antônio José.

CAROLINA – Titio está no Teatro?

COMENDADOR – Não; não é de teu tio Antônio José que falo... é do Antônio José, poeta cômico, segundo diz o letreiro, mas em quem nunca ouvi falar.

ALEXANDRE – Ah! É o *Antônio José*, de Almeida Reis.

CAROLINA – Não conheço nenhum Antônio José de Almeida Reis.

COMENDADOR – Nem eu. (*Sai.*)

ALEXANDRE – Que idéia! fazerem botequim no salão!

CAROLINA – Nunca pensei que o Teatro ficasse tão bonito!

ALEXANDRE – Escapou de pegar fogo o outro dia... Lá se iam os trezentos contos que o Banco despendeu.

CAROLINA – Xi! Tanto assim?

ALEXANDRE – Então? Dinheiro alheio não custa a gastar. (*Vendo Faustino e Jogatina.*) Ó Prima... (*Apontando para eles.*) Olhe! (*A este tempo, Faustino e Jogatina têm se voltado sem ver Carolina.*)

CAROLINA – Seu Faustino!...

ALEXANDRE – Que lhe disse eu?... Veja com quem está ele!

CAROLINA – Ah! (*Desmaia nos braços de Alexandre. Faustino, que a vê, foge com Jogatina.*)

COMENDADOR (*Entrando.*) – Minha filha!... Carola!... Que sucedeu?! (*Vários espectadores se aproximam.*)

ALEXANDRE – Levemo-la daqui!

COMENDADOR – Vamos tomar um carro! (*Saem levando Carolina.*)

UM ESPECTADOR – Coitada! Foi talvez o calor!

OUTRO – Ora, seu Cunha, você acredita em faniquitos de mulher?...

### CENA III

ESPECTADORES, FAUSTINO, JOGATINA, *que voltam*

FAUSTINO – Agora é que estou arranjado de uma vez! Lá se foram as minhas esperanças!

JOGATINA – Qual histórias! Por te ver comigo não é que ela te desprezará. O ciúme é o *Amer Picon* do amor! Contanto que o Comendador não descubra a falcatrua do baronato antes de casares com a filha!... (*Ouve-se barulho na rua. Apitos.*)

1º. ESPECTADOR – Que será?

2º. ESPECTADOR – Correm todos para a Rua do Sacramento!

1º. ESPECTADOR – É um incêndio!

(*Vê-se um grande clarão ao fundo.*)

FAUSTINO – Um incêndio!...

JOGATINA – Para o lado do Tesouro!

FAUSTINO – Do Tesouro?! Aproveitemos!...

JOGATINA – Espera: é na rua do Hospício.

FAUSTINO – Ora!

2º. ESPECTADOR – Qual! É muito mais perto! *(Barulho de bombas que passam, agitando as sinetas.)*

FAUSTINO *(Para a rua, gritando.)* – Psiu! ó Marques! ó Marques! Onde é o fogo!

A VOZ DE UM BOMBEIRO – No Montepio!

TODOS – No Montepio! Corramos!

*(Forte na orquestra. Música durante todo o quadro seguinte. Mutação.)*

## QUADRO XII

*O incêndio do Montepio*

### CENA ÚNICA

FAUSTINO, o TRABALHO, bombeiros, autoridades, povo

*(Os bombeiros trabalham ativamente na extinção do incêndio. As autoridades cruzam-se em diversos sentidos. Entre os espectadores está Faustino. O Trabalho, vestido de bombeiro, apaga o fogo; mas, vendo Faustino, deixa o serviço e corre para ele.)*

TRABALHO – Um momento!

FAUSTINO – De bombeiro?

TRABALHO – Toma esta manga e apaga o fogo!

FAUSTINO – Apago, pois não! Toma lá! *(Dá-lhe um pontapé.)*

TRABALHO *(Levando a mão à parte ofendida.)* – É o terceiro pontapé que dás no trabalho: hás de...

FAUSTINO – “Hás de te arrepender, etc...” Não precisas dizer mais *(Continua o serviço da extinção do incêndio, que cada vez aumenta mais.)*

## ATO III

### QUADRO XIII

*O Derby Club.*

### CENA I

SPORTMEN, *que passeiam de um lado para outro, conversando, apostando, etc., depois o* COMENDADOR, CAROLINA e ALEXANDRE

CORO –  
Belo prado! Prado esplêndido!  
Que bem feito e bem pintado!  
Satisfeito se acha o público!  
Belo prado!...  
Aqui tudo nada em jubilo,  
Tudo aqui se acha contente,  
Porque ver correr bucéfalos  
Hoje é moda, felizmente.

Perca embora algum dinheiro,  
Saciado fica o povo;  
Um divertimento novo  
Torna-o logo prazendeiro!

1º. SPORTMAN – Deixem lá! É o mais bonito dos prados!

2º. SPORTMAN – Eu prefiro o Clube Atlético Fluminense, que também se inaugurou este ano.

1º. SPORTMAN – Pelo amor de Deus, Senhor Xavier, não confunda as coisas. Clube é clube, e prado é prado.

2º. SPORTMAN – Isso sei eu; não me dá novidade.

1º. SPORTMAN – E lá quanto a corridas, antes quero as de animais. Isto de burrinhos sem cauda não é comigo.

COMENDADOR (*Entrando com Alexandre e Carolina.*) – Está um sol de rachar!

ALEXANDRE – Quanto mais se meu tio fosse ao Hipódromo Guanabara!

COMENDADOR – Vamos para as arquibancadas.

CAROLINA – Ainda é cedo, papai; deixe a gente ver isto cá em baixo.

COMENDADOR – Então esperem um pouco... Vou comprar uma pule... Euy sou liberal da velha guarda, mas confesso que de vez em quando gosto de arriscar meus dez mil réis na pata de um cavalo... De resto, o esporte nada tem com as opiniões políticas do cidadão.

ALEXANDRE – Oh! Certamente!

COMENDADOR – E depois, o melhoramento da raça cavalar... resultante do cruzamento dos burros franceses e ingleses com os burros brasileiros, que não são poucos, deve merecer a atenção dos patriotas como eu, quanto mais não seja – por espírito de classe. – Qual é o teu palpito, Alexandre?

ALEXANDRE – Por força de cavalo, ganha a Regalia.

CAROLINA – Qual o quê!... quem ganha é a Safira, que é montada pelo Lourenço...

COMENDADOR – Pois está dito! Vou comprar uma pule da Safira. (*Sai.*)

CAROLINA – *Estou muito triste, primo Xandico! Seu Faustino não me sai da cabeça... Mas você conhece aquela moça? Quem é? Que posição tem?*

ALEXANDRE – Tem uma posição... horizontal.

CAROLINA – Horizontal o que é?

ALEXANDRE – Costureira... cose para o arsenal...

CAROLINA – Oh! E sustenta aquele luxo todo?!

ALEXANDRE – Ora! Ela até sustenta... que é uma senhora respeitável! – Mas mudemos de conversa...

CAROLINA – Para falar de quê?

ALEXANDRE – Do meu amor!

CAROLINA – Pois até aqui?

ALEXANDRE – Aqui, como em toda a parte. Olhe, estou pronto para o casório; só me falta o seu consentimento e uns cobres para o enxoval...

CAROLINA – Esse pouco!

ALEXANDRE – Tenho um bom emprego, e os patrões já me prometeram interesse na casa. Esqueça de vez aquele patife, que é indigno de você.

CAROLINA (*Meio resolvida.*) – Pois sim; espere mais alguns dias... Hei de fazer a diligência para me curar, e então...

ALEXANDRE (*Contente.*) – Ah!...

COMENDADOR (*Voltando.*) – Cá estou armado com a pule. Vamos para cima.  
CAROLINA e ALEXANDRE – Vamos. (*Saem.*)

## CENA II

JOGATINA, FAUSTINO, SPORTMEN, *depois* O TRABALHO

(*Durante o diálogo precedente, muitos Sportmen tem saído de cena, e voltam agora, precedendo a Jogatina, que entra elegantemente vestida de jóquei. Faustino acompanha-a.*)

CORO – O jóquei novo ei-lo aqui está!  
Jóquei tão belo assim não há!  
Nenhum de certo o ganhará!  
Vinte quilos não pesará!

### *Rondó*

JOGATINA – *Mim 'star um jóquei superfine,  
Que aqui vem faz muita furor!  
Mim ganha vem libre esterline,  
Pois fica sempre vencedor!  
Lá no Inglaterra estar famose,  
E muita money mim ganhar;  
Non hever jóquei mais ditose...  
Mim dá bastante que falar.  
Ouve dizer que brasileira  
Patotas mil gosta de faz:  
Mim não se presta a bandalheira,  
Porque 'star muita bom rapaz.*

CORO – É bom rapaz! É bom rapaz!

JOGATINA – Senhores, *mim não gosta de conversa com pova... Patrão desconfia que mim quer faz patota... (Os sportmen afastam-se.)*

FAUSTINO – (*Confidencialmente.*) – Mas, afinal, que queres tu que eu faça?

JOGATINA – Aposta na Regalia, que é a égua que eu vou montar. (*O Trabalho entra, disfarçado em criado, trazendo um balde e uma escova na mão. Vendo os dois, pára e ouve.*)

FAUSTINO – *Mas olha o que fazes... Restam-me apenas uns magros cobres...*

JOGATINA – Não tenhas medo: com o poder misterioso de que disxponho, faço a égua ganhar pela certa.

FAUSTINO – Então jogo?

JOGATINA – Tudo. E se achares apostas por fora, sem casar o cobre, pega em todas. Vem comprar as pules.

FAUSTINO – Vamos lá (*Saem.*)

TRABALHO – Eu vinha oferecer-lhe esta escova, embora com risco de apanhar o quarto pontapé; mas, pelo que ouvi, vou, mas é tratar de dar-lhe os contras. Oh! Eu

também disponho de um poder misterioso! (*Sai. O proscênio ainda está desembaraçado.*)

### CENA III

#### 1º. PROPRIETÁRIO, depois OUTROS PROPRIETÁRIOS

1º. PROPRIETÁRIO (*Entrando, montado num cavalinho de pau.*) – Hop lá! Hop cá! Cá está ela! Acaba de chegar da Europa com escala pelo Rio Grande! Há de passar por meio sangue nacional! Os documentos estão perfeitamente em regra: filha de Lúcifer e Bonita, tal qual o legítimo vinho do Porto, fabricado na Rua do Passeio. (*Fazendo festas à cabeça do cavalinho.*) Vamos, negra; vamos para o ensilhamento! (*Dirige-se para o lado do ensilhamento, donde saem vários proprietários, montados em cavalinhos idênticos, os quais fazem uma evolução em roda do 1º. Proprietário.*)

CORO –  
Caro amigo, não se zangue  
Com o que lhe vamos dizer:  
Esta besta é puro sangue;  
Aqui não pode correr.  
Bem conhecemos a égua;  
Não nos ilude o animal;  
À distância de uma légua  
Mostra não ser nacional.

1º. PROPRIETÁRIO – Perdão, meus senhores: tenho todos os documentos! A égua é meio-sangue. Há de correr!

2º. PROPRIETÁRIO – Qual meio-sangue nem meio-sangue! Protestamos!

3º. PROPRIETÁRIO – É um abuso! Não temos cavalos para vir um animal visivelmente estrangeiro bifar-nos os prêmios! Se ele falasse, haviam de ver que tinha sotaque!

1º. PROPRIETÁRIO – Pois se é visivelmente estrangeiro, é provavelmente nacional!

2º. PROPRIETÁRIO – É a história da Savana e outros.

1º. PROPRIETÁRIO – E o Aimoré?

2º. PROPRIETÁRIO – Pois confesso: o Aimoré não é punga!

1º. PROPRIETÁRIO – Mas tem-no feito passar por tal. Há de restituir todos os prêmios que tem ganho!...

2º. PROPRIETÁRIO – Ora tire o cavalo da chuva! Eu hei de restituir bem sei o quê!

1º. PROPRIETÁRIO – Então cale-se e deixe correr o marfim... quero dizer: a égua!

TODOS – Não há de correr!

1º. PROPRIETÁRIO – Há de!

TODOS – Não há de!

1º. PROPRIETÁRIO – Se não correr aqui, corre no Jóquei Clube.

2º. PROPRIETÁRIO – E nós fazemos greve!

3º. PROPRIETÁRIO – Apoiado! Não corremos lá... isto é, os nossos animais não correm.

1º. PROPRIETÁRIO – Pois veremos quem vence!

TODOS – Veremos! *(Saem, repetindo o coro.)*

#### CENA IV

FAUSTINO, SPORTMEN, *depois* BARGOSSO e MADAME BARGOSSO

FAUSTINO – Magnífico! Fui comprar três pules da Regalia, e o vencedor deu-me quatro! Tudo é lucro! Que bom! *(Vendo um sportman.)* Olé! Lá está o Tavares! Que bilontra! Vou ver se lhe filo vinte mil réis emprestados! Ó Tavares! Tavares! *(Dirige-se para o grupo.)*

TAVARES *(Que o vê.)* – Xi! O Faustino!... que bilontra!... *(Sai apressado, perseguido por Faustino.)*

1º. SPORTMAN – Olhem, lá vêm eles!

2º. SPORTMAN – Quem?

1º. SPORTMAN – O *Bargossi* e a mulher.

TODOS – São ... são eles mesmos. *(Entram a correr Bargossi e MadameBargossi)*

*Copla em dueto e coro*

*(Música de Gomes Cardim)*

BARGOSSO – Eis o famoso Bargossi...  
MADAME BARGOSSO – E a sua cara-metade.  
AMBOS – Vêm ambos nesta cidade  
Aplausos mil conquistar.  
BARGOSSO – Ando três léguas por hora!  
MADAME BARGOSSO – Sou mesmo uma roda-viva!  
AMBOS – A melhor locomotiva  
Não nos consegue apanhar!  
MADAME BARGOSSO – Corro mais do que o dinheiro,  
Que corre no mundo inteiro!  
BARGOSSO – Corro mais que as loterias,  
Que correm todos os dias!  
MADAME BARGOSSO – Mulher locomotiva: o mundo assim me chama!  
BARGOSSO – E a mim deve chamar – o homem telegrama!  
AMBOS – Eis o famoso Bargossi  
E a sua cara-metade...  
TODOS *(Imitando-os a correr.)* – Vêm ambos nesta cidade  
Aplausos mil conquistar.  
Andam três léguas por hora,  
São mesmo uma roda-viva;  
A melhor locomotiva  
Os são consegue apanhar!  
*(No fim do canto, os andarilhos desaparecem, aplaudidos pela multidão.)*

#### CENA V

POVO, FAUSTINO, ALEXANDRE, *depois* JOGATINA e TRABALHO, *montados*

1º. SPORTMAN – Lá vêm os animais!

2º. SPORTMAN – Deus queira que o jóquei novo não nos faça alguma! Eu estou na Regalia até aqui!

1º. SPORTMAN – E eu atolei-me todo!

JOGATINA (*A travessando a cena, montada numa égua, a Faustino.*) – Compraste?

FAUSTINO – Olerepes!

JOGATINA – E apostas?

FAUSTINO – Apostei cem por vinte!

JOGATINA – Bom!

1º. SPORTMAN – Nada de conversinhas! Siga!

2º. SPORTMAN – Que é dos outros animais?

JOGATINA – *Estar no raia. (Desaparece.)*

TRABALHO (*Entrando, montado num cavalo, que traz um emplasto num dos olhos.*) – Menos Fanfarron, que ainda aqui vai.

FAUSTINO – Ele!... Está tudo perdido!...

POVO (*Apupando o Fanfarron.*) – Olha o caolho! Fiô! Fiô! Fora! Ah! Ah! Ah!...

TRABALHO (*Durante a vaia, afagando o cavalo.*) – Vamos, meu velho; deixa-os falar. (*Sai.*)

1º. SPORTMAN – Deixem lá, que, se ele ganhar, que bolada! Só tem seis pules!

ALEXANDRE – Uma delas é minha.

2º. SPORTMAN – Joga-se nele na bagagem!

1º. SPORTMAN – Vão dar a saída. (*Movimento de povo.*) Saíram!

2º. SPORTMAN – Que bela saída!

1º. SPORTMAN – Que dizia eu? Fanfarron na bagagem! (*Alvaroto entre o povo.*)

2º. SPORTMAN – Regalia já deu tudo!

ALEXANDRE (*Não cabendo em si e gaguejando.*) – É... é... o... Fanfarron! Ganhei!... (*Dá um salto e desata a correr para o lado da pule. A banda de música toca ao longe até o final do quadro.*)

VOZES (*Fora.*) – Viva o Fanfarron!

1º. SPORTMAN – Que pule!

2º. SPORTMAN – Para mais de dois contos de réis!

FAUSTINO (*Entrando, desorientado.*) – Lá se foi tudo! (*Passam montados o Trabalho e depois Jogatina.*)

TRABALHO (*Passando.*) – Vou pesar-me. Ficarei sendo um trabalho pesado... (*Desaparece.*)

FAUSTINO (*A Jogatina.*) – Tu és a minha perdição!

JOGATINA – Que queres? O maldito tinha asas nas patas! Tiraremos a desforra! (*Desaparece.*)

FAUSTINO – Ponho-me ao fresco, antes que o homem dos cem por vinte me encontre! E ainda dei lambugem! Fui um asno!

ALEXANDRE (*Voltando.*) – Dois contos trezentos e oitenta e três mil e quinhentos!... (*Guarda o dinheiro.*)

## CENA VI

## OS MESMOS, COMENDADOR, CAROLINA, UM APOSTADOR

COMENDADOR (*Entrando com Carolina.*) – Foste feliz, Alexandre... Dou-te os parabéns... Hás de me restituir os dez mil réis que perdi na Safira.

ALEXANDRE – Com todo gosto, meu tio.

UM APOSTADOR (*Indo a Faustino, que está no fundo.*) – Os cem mil réis?

FAUSTINO – Que cem mil réis?

APOSTADOR – Os cem mil réis que perdeu!

VOZES – Pague! Pague! Perdeu! Perdeu! (*Discussão muito animada, degenerando em rolo. O Comendador sobe.*)

CAROLINA – Ele?! Encheu-se o pote! – Primo Xandico, a pule do Fanfarron chega para o seu enxoval?

ALEXANDRE – Chega e sobra.

CAROLINA – Pois pode pedir-me a papai! (*Sobe para junto do pai.*)

ALEXANDRE (*Transportado.*) – Viva o Fanfarron! (*Continua a discussão ao fundo. Mutações.*)

### QUADRO XIV

*Salão de fantasia.*

### CENA I

Brasil, *depois* Folha Nova

BRASIL (*Entrando.*) – Aí vem ela, a minha adorada Folha Nova! Ainda bem que poderei vê-la uma vez ao menos antes de morrer. Corre, corre a meus braços, querida Folha Nova!

FOLHA NOVA (*Entrando e lançando-se nos braços do Brasil.*) – Ó meu querido Brasil!

BRASIL – Como somos infelizes! Amamo-nos como nunca duas folhas públicas se amaram... Tudo nos aproximará um do outro; entretanto...

FOLHA NOVA – Entretanto, feridos de morte por esta terrível moléstia causada pelo desfavor público, temos ambos o pé na sepultura.

BRASIL – Mas não! morrer de pindaíba será uma vergonha!

FOLHA NOVA – Ora se...

BRASIL – Essa medonha enfermidade não nos matará!

FOLHA NOVA – Como evita-lo?

BRASIL – Suicidando-nos.

FOLHA NOVA – O suicídio?...

BRASIL – O suicídio, sim! Unir-nos-emos no seio da morte, já que no seio da vida não nos foi dado faze-lo.

FOLHA NOVA – Dizes bem, morramos; mas de que meio lançaremos mão?

BRASIL – Com certeza não será do meio circulante.

FOLHA NOVA – E muito menos de um meio de vida.

BRASIL (*Tirando uns jornais*) – Vês isto?

FOLHA NOVA – Que vem a ser?

BRASIL – Leiamos os nossos artigos de fundo. Não há suicídio menos doloroso.

FOLHA NOVA – Lembras bem; sirvamo-nos da prata da casa.  
BRASIL – Pobre Folha Nova! quem diria que chegavas a ser uma folha velha!  
FOLHA NOVA – Pobre Brasil! quem diria que não chegarias a fazer a tua  
independência!  
BRASIL – *Morir si pura e bella!*...  
FOLHA NOVA – Assim é preciso.  
BRASIL – Adeus, retórica política!  
FOLHA NOVA – Adeus, violino!  
BRASIL – Adeus, mundo elegante!  
FOLHA NOVA – *Adieu, choses du jour!*  
BRASIL (*Com resolução.*) – Sentemo-nos!  
FOLHA NOVA – Onde? Não há cadeiras...  
BRASIL – No chão... assim.. (*Sentam-se ambos.*) Toma lá um artigo de fundo  
meu... lerei um teu...  
FOLHA NOVA – Leiamos. (*Musica em surdina na orquestra. Começam ambos a  
ler os artigos, de modo que os espectadores não percebem o que eles dizem. A voz vai-  
se-lhes a pouco e pouco enfraquecendo.*)  
BRASIL (*Interrompendo a leitura*) – Já?  
FOLHA NOVA – Ora se ... E tu?  
BRASIL – É agora... (*Continuam a ler. Caem ao lado um do outro, resmungando  
sempre, até que se lhes extingue a voz. Soltam os jornais das mãos, deixam prender os  
braços e expiram.*)

## CENA II

OS MESMOS, a SEMANA

*Rondó*

(*Música de Miguel Cardoso*)

SEMANA  
*entrando a correr.*

Eu sou a Semana menina garbosa,  
Que, apenas nascida, já dá que falar!  
Não há quem me vença no verso ou na prosa!  
Vitórias brilhantes pretendo ganhar!  
Conquanto na corte jornais literários  
Sem mil sacrifícios não possam vingar,  
Eu zombo da fúria dos ventos contrários,  
Alegre e contente, vivendo a cantar!  
Sonetos, romances, charadas, artigos,  
De tudo e por tudo vos posso ofertar!  
Se acaso me lerdas, sereis meus amigos,  
Não tendo o costume de ler sem pagar.  
Eu sou a semana, menina garbosa, etc.

É como digo!... Agora... agora uma coisa... Aqui para nós que ninguém nos ouve: na opinião de Vossas Excelências, qual é o primeiro poeta brasileiro?... Não respondem?... Não querem responder?...

UMA VOZ NA PLATÉIA – Gonçalves Dias!

SEMANA – Gonçalves Dias? Nego! Nego e ponho a votos! Os senhores que entendem que Gonçalves Dias é o primeiro poeta brasileiro, queiram ficar sentados ( *muito admirada.*) Passou! – Pois olhem, com franqueza: na minha humilde opinião, o primeiro poeta brasileiro é outro... (*Vendo os dois cadáveres.*) Que é isto? Que vejo? A Folha Nova e o Brasil!... Estarão dormindo? Vou acordar *eles*... Eu dizia – acordá-los -; mas depois que o astro Lopes sustentou *ex-cathedra* que a gente deve dizer – acordar eles -, não me exprimo de outro modo... (*Aproxima-se dos cadáveres.*) Então? que é isso?... São horas de dormir?... Acordem! (*Assustada.*) Meu Deus! esta rigidez! este palor! esta frialdade; Não lhes bate o coração! Mortos! mortos!... E esta? Corramos a chamar alguém!... Mas, antes disso, cubramo-los, para poupar aos nossos próprios olhos tão lúgubre espetáculo! (*Vai buscar um manto no bastidor, e cobre os dois cadáveres. depois vai a sair e encontra-se com m Diário Português, que entra muito doente.*)

### CENA III

#### A SEMANA, o DIÁRIO PORTUGUÊS

SEMANA – Ah! é você, seu Diário Português! Não sabe o que me sucede!

DIÁRIO PORTUGUÊS – O que foi? (*Tosse muito.*)

SEMANA – Ó Senhor! que tosse!...

DIÁRIO PORTUGUÊS – Ah! isto está por um fio! estou já cheirando a defunto!

SEMANA – É justamente de mortos que se trata. Vim encontrar aqui dois cadáveres.

DIÁRIO PORTUGUÊS (*Assustado.*) – Cadáveres? Esconda-me!

SEMANA – Sossegue, não se trata de cadáveres vivos!

DIÁRIO PORTUGUÊS – Pois são esses os que me matam. mas quem foi então que morreu?

SEMANA – O Brasil e a Folha Nova.

DIÁRIO PORTUGUÊS – Não é possível!... Qualquer deles gozava de mais saúde do que eu.

SEMANA – Tanto é possível, que ali estão debaixo daquele manto.

DIÁRIO PORTUGUÊS – Ora essa! deixe-me vê-los, coitados! (*Descobre o manto, e sai debaixo dele, muito lépido e jovial, o Diário de Notícias.*)

### CENA IV

#### OS MESMOS, o DIÁRIO DE NOTÍCIA

SEMANA e DIÁRIO PORTUGUÊS – Oh!...

SEMANA – Um jornal novo!

DIÁRIO PORTUGUÊS – Um novo colega!

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Sim, um jornal novo, nascido de dois cadáveres: o Diário de Notícias!

*Terceto*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Viva o prazer! viva a alegria!  
Seja este júbilo geral!  
Mais um diário se inicia!  
Surge a sorrir mais um jornal!

Ditoso e contente  
Espero viver!  
Imediatamente  
Medrar a crescer!  
Do povo as carícias  
Pretendo gozar!

Venha o Diário de Notícias!  
Toda gente há de bradar!

OS TRÊS – Viva o prazer! viva a alegria! etc.  
DIÁRIO PORTUGUÊS – É bonito!

SEMANA – E não diz: Ai, mana!

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - Mas, afinal, quem são vocês?

SEMANA – Colega, eu chamo-me Semana.

DIÁRIO PORTUGUÊS – Eu sou o Diário Português.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Eu folgo muito em conhecê-los,  
E estimo vê-los!

São hiperbólicos meus planos!  
Se obtendo o público favor,  
Hei de fazer, em poucos anos,  
Casa na Rua do Ouvidor!

SEMANA e DIÁRIO PORTUGUÊS – Que maganão!  
Como está todo o pimpão!

OS TRÊS – Viva o prazer! viva a alegria! etc.

SEMANA – Diga-me, colega: qual é o seu maior programa?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – É não ter nenhum.

DIÁRIO PORTUGUÊS – E a sua política?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Sou conservador.

SEMANA – Conservador?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Às terças-feiras... às quintas-feiras sou liberal...

DIÁRIO PORTUGUÊS – Liberal?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – E aos sábados republicano.

SEMANA – Quer dizer isto que tem três políticas?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Pelo contrário: quer dizer isto que não tenho nenhuma.

Sou pura e simplesmente um jornal noticioso, como indica o meu título.

DIÁRIO PORTUGUÊS (*Com uma afrontação súbita.*) – Ai! ai! ai!

OS DOIS – Que é?

DIÁRIO PORTUGUÊS – Sinto... uma falta...

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – De ar?

DIÁRIO PORTUGUÊS – Não: de assinantes...

SEMANA – Falta de assinantes! Ó diabo! Querem ver que este vai também morrer aqui!

DIÁRIO PORTUGUÊS – Chamem... chamem...

SEMANA – Um médico?

DIÁRIO PORTUGUÊS – Não: novos assinantes...

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Está delirando.

DIÁRIO PORTUGUÊS – Eu mor... eu morro... (*Expira. O Diário de Notícias e a Semana contemplam-no, e, passado um instante, olham um para o outro sem dizer palavra.*)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – E agora?

SEMANA – Agora é pôr-lhe o manto por cima, a ver se lhe acontece o mesmo que aos teus infelizes progenitores. (*Cobre o cadáver com o manto.*)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Que estás a fazer?

SEMANA – Cala-te, eu cá me entendo. Deixemos passar alguns instantes a ver se se opera a transformação.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (*Sem compreender.*) – Que transformação?

SEMANA – Já deve ser tempo. (*Levanta o manto. O cadáver tem desaparecido.*) Nada! nada mais resta do Diário Português!

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Mas que meio cômodo e econômico de enterrar os mortos!

SEMANA – Coitado! era um bom rapaz!

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – E uma coisa boa tinha ele... lá isso tinha...

SEMANA – Qual?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – O título. Seria preferível que tivesse títulos. – Mas, mudando de assunto: a menina faz-me obséquo? Apresenta-me aos nossos colegas?

SEMANA – Pois sim, mas há de ser quanto antes, porque estou ocupadíssima.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Em quê?

SEMANA – Promovendo uma grande manifestação em honra à memória de Vitor Hugo.

## CENA V

*DIÁRIO DE NOTÍCIAS, SEMANA, REUVE FINANCIÈRE, COMMERCIALE ET MARITIME*

REUVE – *Pardon*, mas é a mim que compete fazer essa *manifestation*.

SEMANE – Ora essa! Por quê?

REUVE – *Parce que. Jje suis française. je suis la Revue Financière, Commerciale et Maritime, voilà.*

SEMANA – Ora essa razão é de cabo-de-esquerda.

REUVE – *Comment?*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – *Elle dit que c'est une raison de caporal.*

REUVE – Eu não *pode* consentir que, estando eu aqui, uma folha nacional me tome a dianteira.

SEMANA – Minha cara senhora, Vitor Hugo pertencia a todas as pátrias.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Apoiado!

REUVE – Está enganado: ele... (*Com dores súbitas.*) Ai! ai! ai!

SEMANA – Que?! Vai manto?

REUVE – *Oh! faites appeler une sage-femme...* um médico parteiro... *Quelq'un!* (*Sai, correndo.*)

SEMANA – Socorramo-la... (*Sai, levando o manto.*)

## CENA VI

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, *depois o* PROFESSOR, *acompanhado de alguns*  
CARREGADORES, *depois os* BICHOS, *depois a* SEMANA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (*Só*) – Quem será aquele sujeito que ali vem tão acompanhado?

PROFESSOR (*entrando e falando para fora*) – Esperem aí. (*Aproximando-se.*)  
Meu caro senhor, Vossa Senhoria faz parte da imprensa diária?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Sim, senhor; mas acabo de nascer e ainda não tomei pé. Que pretende?

PROFESSOR – Venho mostrar à imprensa o meu incomensurável Dicionário Geográfico Brasileiro, e pedir-lhe que anime as subscrições que se abrigam em todos os pontos do Império, para auxiliar a publicação desta importantíssima obra, preconizada já pela Sociedade de Geografia.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Ah! nós temos uma Sociedade de Geografia? Que condições são necessárias para ser sócio?

PROFESSOR – Algumas... a essencial é não saber geografia.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Bom; faça o favor de entrar, e dirigir-se lá dentro aos meus colegas mais velhos.

PROFESSOR – Às suas ordens. (*Para fora.*) Vamos! acompanhem-me! (*Sai. Ao mesmo tempo entram pelo lado oposto alguns carregadores, que atravessam a cena, levando nos ombros grande resma de manuscritos.*)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Quê! Tudo isto?! Santo breve de marca!... (*Só. Olhando para fora.*) Xi! que bicharia!... (*Entram os animais, com grandes reverências.*) Vivam! que desejam Vossas Excelências?

MACACO – Como vê, somos uma comissão de animais... Eu, como mais inteligente, fui escolhido para orador.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Seria mais acertado escolher o papagaio. Que desejam?

MACACO – Manifestar, publicamente, por meio da imprensa, o júbilo de que nos achamos possuídos pela fundação da Sociedade Protetora dos Animais. Vou ter a honra de apresentar estes senhores... o Senhor Burro de Carga e sua esposa, a Excelentíssima Senhora Dona Religiosa Besta... o Senhor Cachorro sem Dono... o Senhor Gato Escaldado, o Senhor Bode Expiatório... o Senhor...

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Isso não é comigo, que acabo apenas de nascer. (*Aponta para a Semana, que entra.*) Dirijam-se a esta menina.

SEMANA – Quê! É comissão? Dirijam-se à imprensa diária. (*Encaminhando-os.*) Por ali...

MACACO – Muito obrigado, minha senhora. (*Reverência dos animais, que saem.*)

## CENA VII

SEMANA, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, *depois* UM HOMEM SEM CABEÇA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Então, como vai a francesa?

SEMANA – Morreu na ocasião de dar à luz *L'Étoile du Sud*. Tem havido este ano um aluvião de jornais franceses: *L'Étoile du Sud*, *Le Sud Américain*, *La France* e *L'Avenir du Brésil*.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – E nacionais?

SEMANA – Temos o *Constituinte*, que morreu por ter uma constituição muito fraca; e a *Vanguarda (Benzendo-se.)*, que tem o cheiro de santidade. (*Atravessa o fundo um homem sem cabeça.*)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Que é aquilo? Um homem sem cabeça!

SEMANA – É o Diário do Brasil, que anda acéfalo. (*De repente aparece uma cabeça no corpo do passante.*) Bravo! criou cabeça, mas... se não me engano, é cabeça conservadora!! Ora esta!

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Bem; agora, que estás desembaraçada, anda apresentar-me aos colegas. Tarda-me conhecê-los.

SEMANA – Vamos! (*Saem.*)

## CENA VIII

### JOGATINA e FAUSTINO

JOGATINA – Entra desassombradamente. Isto aqui é público.

FAUSTINO – Então este é que é o empório da imprensa fluminense?

JOGATINA – Tu o disseste.

FAUSTINO – Bem; mas na imprensa não se joga... Que diabo queres tu que eu faça aqui?

JOGATINA – Quem foi que te disse que na imprensa não se joga? Antes de mais nada, é bom que saibas que há imprensa e imprensa. A primeira não se fez para bilontras; a segunda, sim.

FAUSTINO – Mas eu nunca escrevi.

JOGATINA – Razão demais para seres jornalista. Fundas uma folha pornográfica, e franqueias as respectivas colunas a todos os ódios, a todas as paixões da arraia miúda. Quero dizer que o próprio público se encarregará de fornecer o material literário e de pagar ainda por cima. E, nesse caso, paga tanto o ofensor como o ofendido, pois tu não seria tão néscio, que não explores ao mesmo tempo o rancor de um e o terror de outro.

FAUSTINO – Pois sim; mas se me acontecer o mesmo que ao outro na Rua do Lavradio; ou se eu, pelo menos, apanhar uma tunda de pau?

JOGATINA – Pois é aí que está o jogo. Que diabo! é preciso que arrisques alguma coisa... a pele, pelo menos!

FAUSTINO – “Pelo menos” tem graça.

JOGATINA – Então? Resolves-te?

FAUSTINO – Francamente, Princesa: a senhora tem me metido em cada uma!

JOGATINA – Queixas- te de mim?

FAUSTINO – Não, não me hei de queixar! Recapitulemos, minha senhora, recapitulemos! A Ociosidade, que é muito boa pessoa e se mostrou empenhada em servir-me, levou-me à sua pessoa e a senhora prometeu proteger-me. Quis jogar na loteria. Não! isto não vale nada. Antes as cartas! – As cartas puseram-me na dependura. Desci ao víspera: fui perseguido e multado. Instigado pela senhora, roubei três contos de réis por meio de documento falso. Esse dinheiro maldito não me aproveitou... perdi até o último vintém na roleta. recorri ao câmbio à porta do teatro: nada fiz, senão pregar

um escandaloso calote. O resultado das corridas foi aquele que se viu! A estas horas o Barão já descobriu que é tão Barão quanto eu, e Dona Carola não quer ouvir falar de mim. E ainda a senhora me vem propor a fundação de um periódico dessa natureza! Ora, boa noite!

JOGATINA – És mais tolo do que eu suponha! pois não vês que uma folha pornográfica é o meio mais seguro de te fazeres valer?

FAUSTINO – Como assim?

JOGATINA – O Barão tem calcanhares de Aquiles por todo o corpo: está assim... de calcanhares de Aquiles. Se ele te mostrar má cara, bumba! primeiro artigo! Continua? Zás! segundo artigo! E o bom do homem não terá remédio senão chegar às boas. Que queres tu, afinal de cantas? O dote da rapariga, não é? Pois fazes o que eu digo, e dou uma perna ao diabo, se não te saíres bem!

FAUSTINO – És um demônio!

JOGATINA – Agora é que sabes? Um demônio, sim! um demônio, e dos mais temíveis!

### *Coplas*

#### I

Tu, na verdade, és um pateta,  
És tal e qual um Mané Zé;  
Qualquer criança analfabeta  
Te poderá passar o pá!  
Bofe! por Lúcifer! ao cabo  
De tanto tempo ao lado meu,  
Que eu seja um pândego diabo  
Ignora ainda este sandeu!  
Massa encefálica não tens...  
Eu não te dou meus parabéns...  
Mas, enfim, como és muito bom rapaz,  
Por hoje só, o meu perdão terás.  
Pif! paf! meu toleirão,  
Demônio sou, não há questão,  
Nem demônio há tão  
Trapalhão,  
Tão  
Parlapatão!

#### II

Meu pai, o Jogo, esse demônio  
Nasceu do próprio Satanás;  
E o mundo tem por patrimônio,  
E nunca deixa o mundo em paz.  
Não é maior Mefistófeles...

FAUSTINO – Mefistófeles, dizes tu?

JOGATINA – Nem Asmodeu, nem nenhum deles,  
Entrando em conta Belzebu.

FAUSTINO – Mefistófeles, diz você,  
Mas Mefostófeles é que é. (*Declamando.*) Deixa estar, que hei de  
consultar o astro Lopes.

JOGATINA – Pif! paf! etc.

## CENA IX

OS MESMOS, GAMBÁ, UM ANJO, *vestido de verde e amarelo*, [ILUSTRÍSSIMA]

GAMBÁ – Meus senhores, bom dia. (*Ao Anjo.*) Fala, meu anjo.

ANJO (*Em tom de quem mendiga.*) – Um esmolinha para a festa da  
Independência!...

JOGATINA – Que quer isto dizer?

GAMBÁ – Senhor eu sou membro da Sociedade Comemorativa Sete de  
Setembro... quero dizer: eu sou a Sociedade... esta menina representa o gênio do  
Brasil. Andamos a angariar donativos para a festa que costumamos celebrar no  
Rossio... O morro de Santo Antônio já está capinado...

FAUSTINO – Ah, meu amigo! veio bater a má porta.

JOGATINA – Olhe, vá entrando; encontrará lá dentro a quem dirigir-se.

GAMBÁ – Com efeito! já não há patriotismo! – Vamos, meu anjo! (*Sai com o  
Anjo. Pouco depois ouve-se a voz deste, pedindo esmola.*)

FAUSTINO (*Pensativo.*) – Os gênios acabam sempre por pedir esmola!

ILUSTRÍSSIMA (*Entrando.*) – Com licença!

## CENA X

FAUSTINO, JOGATINA, a ILUSTRÍSSIMA, *depois o TRABALHO*

JOGATINA – Quem será esta castanha pilada?

ILUSTRÍSSIMA (*A Faustino.*) – Vá dizer ao Diário de Notícias que está aqui a  
Ilustríssima, que lhe deseja falar.

FAUSTINO – Vá você, que não sou seu criado!

ILUSTRÍSSIMA – Está bem, está bem; não disse para ofendê-lo. (*A Jogatina.*)  
Como desejo este ano celebrar este ano o Sete de Setembro de um modo digno de tão  
gloriosa data, distribuindo algumas cartas de liberdade, já que se acham aqui  
registradas... (*Mostra um livro de ouro que tem na mão.*)

FAUSTINO – Um livro de ouro! Se eu o apanhasse...

ILUSTRÍSSIMA (*Continuando.*) – ... vinha pedir ao Diário de Notícias que se  
associasse a esta manifestação, dando um número especial.

JOGATINA – Mas por que não se dirige ao Diário Oficial, que agora se diz órgão  
do governo?

ILUSTRÍSSIMA – Por isso mesmo. Estou de candeias às avessas com o tal  
governo, que deu em andar se metendo co a minha vida.

JOGATINA – Percebo; a Ilustríssima quer fazer das suas a vontade. – Pois olhe,  
se quer falar ao Diário de Notícias, vá por ali, que o encontrará lá dentro. (*A  
Ilustríssima vai saindo.*) Mas ouça cá: tenho que lhe dizer alguma coisa em particular.

ILUSTÍSSIMA – Estou às suas ordens. *(Saem ambas a conversar pela direita. Entra o trabalho pela esquerda, disfarçado em tipógrafo e deita a mão ao ombro de Faustino.)*

TRABALHO – Um momento.

FAUSTINO – Já cá tardava.

TRABALHO – Aqui tens este componedor. Uma vez que aquele demônio já te encasquetou na cabeça que deves entrar para a imprensa, vai aprender a nobre arte tipográfica.

FAUSTINO – Tu fazes-me um favor? Não me apoquentes... *(Desce.)*

TRABALHO – Desgraçado! quando compreenderás tu que só o Trabalho pode dar a honra, a glória, a riqueza?

FAUSTINO – Isso não é teu: é do defunto Castilho.

TRABALHO – Queres um exemplo? Olha! *(Aponta para o fundo, que se abre, deixando ver o grupo Cristo e a adúltera. Música em surdina na orquestra.)* Vê!

FAUSTINO – Que é aquilo?

TRABALHO – É o resultado do estudo do trabalho! É uma das mais grandiosas composições brasileiras! É o primoroso grupo *O Cristo e a adúltera*, de Rodolfo Bernardelli, a quem a velha Europa rendeu homenagem e o nosso governo acaba de galardoar! *(O pano desce, cessa a música.)*

FAUSTINO – Pode ser que tenhas razão... mas para estatutário, palavra! falta-me queda.

TRABALHO – Eu sei que só tens queda para o vício. O teu fim será funesto: quem foge do trabalho foge da honra! *(Sai apressado, porque Faustino quer dar-lhe um pontapé.)*

FAUSTINO – Ainda mato este diabo!

JOGATINA *(Voltando e falando para dentro.)* – Pois faça o que lhe digo, e verá que não se arrepende.

## CENA XI

FAUSTINO, JOGATINA, *depois um* ESQUELETO HUMANO

FAUSTINO – Que idéia deste tu à Ilustríssima?

JOGATINA – Aconselhei-a a estabelecer barraquinhas no Campo de Santana, com sortes, cavalinhos, caminhos de ferro, etc., para divertimento do povo.

FAUSTINO – Estás nas tuas sete quintas! E ela aceitou?

JOGATINA – Ora, ora! Chegou o momento de tirares o pé do lodo. Desisto da idéia da folha pornográfica. Vais abrir uma barraquinha!

FAUSTINO- Achas? *(Vendo a fundo o Esqueleto, que tem entrado com uma quilha de navio na mão, foge para o regulador da direita.)* Ui!

JOGATINA *(Fugindo para o regulador da esquerda.)* – Ai!

AMBOS – Um esqueleto humano!

ESQUELETO *(Sentando-se na quilha, depois de haver deposto no chão, e recitando ao som da orquestra.)*

Eu vou contar-vos imediatamente  
O que o intendente da polícia fez  
Num ano cheio de acontecimentos:

Mil setecentos e noventa e três.

Naquele tempo o Vidigal famoso,  
Mais rancoroso do que um bicho mau,  
Tinha jurado aos deuses seus prender-me,  
Para meter-me na polícia o pau!

Eu preso fui e, na enxovia imunda,  
Bárbara tunda sem tardar sofri;  
À vista, pois, de tanta bordoadas,  
Não tendo nada que fazer, - morri.

Certo jornal que nesse tempo havia  
Descobre um dia meu martírio atroz,  
E o vice-rei, sujeito de sabença,  
Ouviu da imprensa a autorizada voz.

Mas da polícia certificava o médico,  
Enciclopédico cirurgião,  
Que eu, que a pauladas tinha sucumbido,  
Tinha morrido de uma congestão.

O Vidigal, rafeiro diligente,  
*Incontinenti* manda me exumar,  
E o meu cadáver, desassossegado,  
Foi transportado para outro lugar.

Falou-se disso no Brasil inteiro,  
E no estrangeiro se falou também;  
Quando julgaram ter do crime a prova,  
Na minha cova não se achou ninguém.

Depois de um século esta pobre ossada  
Foi encontrada numa escavação:  
Contar a imprensa eu venho esta chalaça;  
Proveito faça-lhe a revelação.

Quanto a esta quilha de uma caravela,  
Ao lado dela colocado fui...  
Por que razão? Gracejo foi? Foi sério?...  
Eis o mistério que ninguém possui. (*Sai.*)

## CENA XII

FAUSTINO, JOGATINA, *depois o DIÁRIO DE NOTÍCIAS e a ILUSTRÍSSIMA,*  
*depois um MOÇO DE RECADOS*

FAUSTINO – Não me dirás por que aquela caixa de ossos fez a sua longa narração em recitativo?

JOGATINA – Não sei; naturalmente porque os recitativos estavam já em moda no século passado.

FAUSTINO – E dizer que ainda hoje se ouve o *Amor e Medo* nos chás de família!

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (*Entrando com a Ilustríssima.*) – Eis-me aqui, especialmente arranjado para festejar o Sete de Setembro! (*Traz casaca amarela, colete verde e calças com uma perna verde e outra amarela.*)

ILUSTRÍSSIMA – Estás muito bem, acredita.

JOGATINA – Um papagaio.

UM MOÇO DE RECADOS (*Entrando.*) – Vamos Senhora é que é o Diário de Notícias?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Sim, senhor; que pretende?

MOÇO – Aqui tem esta carta.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (*Depois de abrir*) – É uma fábula de La Fontaine.

MOÇO – Tenho mais estas para o Jornal do Commercio, Gazeta de Notícias, País, Gazeta da Tarde, Apóstolo...

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Entre! entre! (*O moço sai.*) Que aluvião de fábulas! O que val' é que esta está bem traduzida.

JOGATINA – Oh! que gente esquisita a que aí vem!

### CENA XIII

FAUSTINO, JOGATINA, o DIÁRIO DE NOTÍCIAS, a ALFACE, a CENOUTA, a ABÓBORA, o REPOLHO, o NABO e outras HORTALIÇAS, que entram marchando.

CORO –  
Aqui estão as hortaliças;  
Quingombós,  
Couves e jilós,  
Quiabos,  
Nabos  
E nabiças!  
Sofrer injustiças  
É coisa atroz! (*Solenemente.*)  
Escreva a imprensa quatro linhas  
Sobre as malditas barraquinhas!  
– Ora aqui está ao que aqui vimos:  
Bem pouca coisa nós pedimos!

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – Oh! que balbúrdia  
Fazem vocês!  
Cada um que fale  
Por sua vez!

ABÓBORA, ALFACE e CENOURA – Vá lá! nós três!

*Coplas*

I

CENOURA – Nós vivíamos em sociedade,  
Lá no mercado em doce paz....

ALFACE (*Apontando par Ilustríssima.*) –  
Mas a Municipalidade  
Súbito zás que lhe darás!

ABÓBORA – Pois com rigor  
As barraquinhas quis impor,  
Fez-se greve  
Sem tardar!  
Ninguém deve  
O que não deve pagar.  
Do jornalismo a proteção  
Viemos pedir em prontidão!  
Se a imprensa escreve  
Sobre esta greve,  
Vencida já  
A coisa está!

CORO – Fez-se greve, etc.

## II

ALFACE – Todos nós guardamos mistério  
Quando esta greve se formou...

CENOURA – O quingombó mostrou critério  
E desta vez não escorregou...

ABÓBORA – Em conclusão:  
Sendo precisa uma lição,  
Fez-se greve, etc.

CORO – Fez-se greve, etc.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS –  
Eu sou o mais novo dos jornais;  
Ide falar aos maiores!  
Noutro salão a Imprensa está.  
Ide por cá.

CORO – Vamos por cá.  
Fez-se greve, etc. (*Saem as horas.*)

O DIÁRIO DE NOTÍCIAS (*A Ilustríssima, mostrando-lhe as hortaliças.*) – São horas da sua festa: vamos!

ILUSTRÍSSIMA – Vamos!

JOGATINA – Estas hortaliças abriram-me o apetite!

FAUSTINO – Se a gente fosse almoçar?

JOGATINA – Está dito; e de lá, toca a providenciar para arranjar a barraquinha.

FAUSTINO – Bravo! (*Saem a correr enlaçados. Mutações.*)

## QUADRO XV

*As barraquinhas da Praça da Aclamação*

## CENA I

TRABALHADORES, BARRAQUEIROS, depois FAUSTINO E JOGATINA

*(Ao levantar o pano, alguns trabalhadores estão dando a última demão às barraquinhas . Outros armam ao fundo um fogo de artifício . Várias pessoas do povo estão à espera de que comece a feira.)*

FAUSTINO *(Entrando a Jogatina.)* – Mas , então, qual é a nossa barraca?

JOGATINA – Aquela. É bonita, hein? À *Barraca da Felicidade*.

FAUSTINO – Da fidelidade, gosto. Mas sempre queria que me disseses como, sem vintém, pudeste arranjar as coisas.

JOGATINA – Para que me serve ter lábia e ser demônio , além de moça bonita? O homem das barracas dá tudo pronto, e pagaremos o aluguel por semanas vencidas.

FAUSTINO – Magnífico!

JOGATINA – Vai, pois, tomar posse , enquanto eu vou contratar um piston, um clarinete e um oficleide para formar uma banda .*(Sai.)*

FAUSTINO – Bravo! temos banda! Ela falou em oficleide: não vá o Trabalho vir por aí! *(Vai a sair.)*

## CENA II

FAUSTINO, o TRABALHO

TRABALHO *(Disfarçado em fogueteiro, com um foguete na mão.)* – Um momento.

FAUSTINO *(Voltando-se)* – Então? Que disse eu? *(Desata a correr e desaparece.)*

TRABALHO – Eu vinha passar-lhe um foguete. Oh! mais dia, menos dia, hei de vê-lo com vulgo e assinando termo de bem viver. *(Vai para o fundo e desaparece).*

## CENA III

COMENDADOR, CAROLINA, depois o POLÍCIA NOTURNO

COMENDADOR – Aqui tens tu as barraquinhas. Está feita a tua vontade contra a minha... Os guaiamus puseram a bandeira no fio telegráfico, o que, na opinião do Diário de Notícias, quer dizer que temos sarilho feio...

CAROLINA – Qual o quê, papai! Não creia!

COMENDADOR – Acho bom; mas , quando vier por aí alguma navalha desgarrada, como aconteceu no rolo do Largo de São Francisco...

CAROLINA – Ora, papai! Deixe-se de medos!... Um barão!

COMENDADOR – E então que tem isso? Um Barão também tem tripas! Tripas nobres, é verdade, mas tem-nas. Eu sou liberal, ultraliberal, liberal da velha guarda; mas façam-me Ministro da Justiça, e verão senão dou cabo dos capoeiras! Felizmente um jornal inventou e o comércio está tratando de organizar a polícia noturna... *(O Policia Noturno vai atravessando a cena. É um velho coxo e coberto de velhas armas, de um tamanho exagerado.)*

POLÍCIA NOTURNO – Quem me chama?

CAROLINA – Ah!

POLÍCIA NOTURNO – Não se assuste, minha menina: não sou um perturbador, mas um garantidor da ordem. Sabendo que se ia formar a polícia noturna...

COMENDADOR – Pretende servir-lhe de modelo?

POLÍCIA NOTURNO – Ah! q,u,i, qui. Vou à Rua do Ouvidor apresentar-me às pessoas incumbidas da organização...

COMENDADOR – E espera ser aceito ?

POLÍCIA NOTURNO – Que dúvida! Cem homens como eu, e assim armados, era uma vez o último gatuno! *(Cumprimenta e sai, com altivez cômica.)*

COMENDADOR – Pois sim, cem polícias noturnos como aquele, e mudo-me do Rio de Janeiro. Eu sou li...

CAROLINA – Papai... olhe... que é aquilo? *(Aponta para fora)*

COMENDADOR – Aquilo?... Espera... Parece um comparsa do drama Guarani... E é mesmo! *(Entra o Coroado.)*

#### CENA IV

##### OS MESMOS, o COROADO

COMENDADOR – Ó amigo! *(O Coroado não responde)* Eh! Amigo! *(O Coroado volta-se espantado.)* Quem é você, que anda assim vestido, para não dizer despido, pelas ruas?

##### Copla

*(Música de Gomes Cardim.)*

COROADO – Pericumã, Manhuaçu,  
Cjapió, Curupuru.  
Icarai, Baturité,  
Curupaiti, Muriaé  
Itaoca,  
Tapioca,  
Jurujuba, Guajará,  
Indaíba,  
Paraíba,  
Pindaguaratinguetá!

COMENDADOR – Fiquei na mesma: isto não é um homem: é uma carta geográfica do Brasil!

#### CENA V

##### OS MESMOS, ALEXANDRE

ALEXANDRE – É inútil dirigir-lhe a palavra, meu tio; esse homem não fala português: é um coroadado.

COMENDADOR – Um coroadado! *(Tirando vivamente o chapéu)* Oh ! sire !

ALEXANDRE – Ponha o chapéu... É um selvagem da tribo dos coroados.  
 COMENDADOR (*Pondo o chapéu.*) – Ora, um selvagem!  
 ALEXANDRE – Só fala guarani.  
 CAROLINA – E não o canta?  
 ALEXANDRE (*Apertando-lhe a mão*) – O guarani, idioma.  
 COMENDADOR – Ah! esse até eu falo!  
 CAROLINA – Papai?  
 COMENDADOR – Ora! ora!ora! (*Ao índio*) Paraquerê Coroatá? (*O índio olha totalmente para ele.*) Paraquerê Coroatá?  
 COROADO (*Exprimindo-se muito bem.*) – Ora , meu caro senhor, isso nunca foi guarani. (Sai)  
 COMENDADOR (*Depois de uma pausa.*) – E eu fiquei com cara de lorpa! Estes selvagens nada têm de civilizados! – Vem cá , Alexandre: que se diz por aí de política?  
 ALEXANDRE – Quanto à política interna, nada de novo... o tal projeto passa com certeza... Do exterior é que temos um telegrama importante.  
 COMENDADOR – Sim?  
 ALEXANDRE – Participando que os alemães se apoderaram das ilhas Carolinas.  
 COMENDADOR (*Cantando sem acompanhamento.*)  
 – Carolinas! que ilhas são esta?  
 Onde estão, ai! meu Deus! De quem são?  
 ALEXANDRE – São do reino espanhol, que protesta,  
 Contra a gana do reino alemão.  
 (*Tem anoitecido pouco a pouco; as barraquinhas começam a iluminar-se, e o povo a fluir.*)  
 COMENDADOR – Isto começa a encher-se, e para apertos do povo não serve o filho de meu pai... Toma conta de tua prima, Alexandre... Já é tua noiva...  
 ALEXANDRE – O seu braço, Carola.  
 COMENDADOR – Vamos até o circo, gosto muito do palhaço Augusto... Arreda, que eles aí vêm! (*Fugindo de uma malta de capoeiras, que vem à frente da charanga.*) Eu sou ultraliberal, mas não se me dava de acabar com estes patifes! (*Desaparece com a família.*)

## CENA VI

JOGATINA, FAUSTINO, *barraqueiros, um CRIOULO.*

(*Jogatina atravessa a cena tocando violão e acompanhada por três músicos, que tocam outros instrumentos. Entram todos na barraca de Faustino, que aparece encarapitado, para gritar, quando a música cessa.*)

FAUSTINO – É a última dezena! Oitenta e um a noventa!  
 JOGATINA (*Aparecendo.*) – Cinquenta e um a sessenta!  
 UM CRIOULO (*Do outro lado*) – Um peru com seis pelegas! Vai-se tirar o número para ver quem é o felizão! (*Sacode a caixa de números.*) Muita limpeza!  
 JOGATINA – A última dezena! Cinquenta e um a sessenta!  
 CRIOULO (*Cantando o número*) – Vinte e sete!  
 UM SUJEITO (*Do povo.*) – Cá está! cá está!  
 CRIOULO – Quer o peru ou as pelegas?

UM BARRAQUEIRO – Números vinte e dezesseis! São os últimos! Dois mil réis ao primeiro e dez tostões ao segundo! Olha o Jóquio Rio-grandense!

FAUSTINO (*Aparecendo.*) – Safa! Estou cansado!

JOGARINA – Pois descansemos um pouco. Que meninada é aquela que ali vem? Será algum colégio?

FAUSTINO – Não sei , vamos ver. (*Desce para a cena; Jogatina imita-o.*)

## CENA VII

FAUSTINO, JOGATINA, POVO, a ILUSTRÍSSIMA, 1º, 2º, 3º, 4º MENINOS e mais 17 MENINOS, *formando uma escada . Os passeantes agrupam-se . Cessam os pregões.*

Marcha e coro dos meninos.

(*Música de Gomes Cardim*)

Nós somos os vinte e um:

Não falta aqui nenhum!

Barulhentos,

Turbulentos,

Prazenteiros,

Desordeiros,

Nós somos os vinte e um:

Não falta aqui nenhum!

CORO GERAL –

Cá estão os vinte e um:

Etc.

JOGATINA –

Tantos meninos, meu Deus!

ILUSTRÍSSIMA –

Pois são todos filhos meus!

JOGATINA –

Tem vinte e um filhos a matrona!

Gabo a pachorra de tal pai!

Quem ele é, senhora dona,

Se faz favor, dizer-nos vai!

ILUSTRÍSSIMA –

Pois não, pois não: é o município.

FAUSTINO –

É o município!

JOGATINA –

É o município!

CORO –

É o município , o município.

Ditoso pai de vinte e um !

É o município, o município!

Todos aqui estão, sem faltar nenhum!

ILUSTRÍSSIMA –

Agora , meus queridos filhos,

Vamos nós todos passear;

Mas não me sejam peralvilhos,

Pois não desejo me zangar.

(*Repetição do coro. Sai a Ilustríssima com dezessete dos vinte e um meninos.*)

## CENA VIII

OS MESMOS, *menos a ILUSTRÍSSIMA e os 17 meninos figurantes*

JOGATINA (*Aos quatro meninos que ficaram*) – Então, nhonhês, não quiseram ir com a mamãe?

1º MENINO – Não *fumos*, não *sinhô*; nós aqui ficamos *milhó*: podemos *pintá*.

JOGATINA – Ah! a velha é rabugenta?

1º MENINO – Nem por isso. Às vez *pinta cumo* nós. Mas é que nós *quer* fazer uma coisa de que talvez ela não goste.

CRIULO – Muita limpeza! O belo casal de galinhas do Japão ou seis pelegas!

BARRAQUEIRO – Olha essa estrada de ferro que vai andar!

CRIULO (*Cantando*) – Trinta e cinco!

UM HOMEM DO POVO – Pronto! Venham as pelegas!

JOGATINA (*Que tem estado a falar baixo com os meninos e Faustino*) – Então decididamente não nos querem dizer qual é o plano?

1º MENINO – Boas! Você era capaz de *contá* a mamãe, que diria tudo a seu mestre.

JOGATINA – Pois não sairemos daqui sem ver o que vocês querem fazer!

2º MENINO – Vocês não *diz* nada ?

JOGATINA – Não dizemos, não: palavra.

2º MENINO – Jure.

JOGATINA (*Beijando uma cruz que faz com os dedos.*) – Juro, aí está!

1º MENINO – Pois lá vai: devem vir daqui a pouco uns meninos ricos, que têm uns brinquedos bonitos... Que calungas!cavalinhos!velocípedes, boizinhos... principalmente os boizinhos!Que boizinhos!

2º MENINO – Parecem bois de verdade.

1º MENINO – Nós então *qué dá* muita pancada neles e não *deixá* eles *passá*...

JOGATINA – Ora , fazem mal... O melhor é obrigá-los a pagar qualquer quantia, e deixa-los depois...

FAUSTINO – É; vocês compram biscoitos, doces ...

1º MENINO – Bem lembrado! (*Aos outros*) Tá dito?

OS OUTROS – *Tá* dito !

1º MENINO – Olhe, lá vêm eles *cos boizinho*.

JOGATINA – *Avante! Ou pagam ou não passam!*

FAUSTINO – Que diabo! Vê lá o que vais fazer!

JOGATINA – Deixe-os (*Os outros meninos colocam-se em linha do lado aposto àquele por onde entram os quatro meninos ricos, com boizinhos que arrastam por meio de um cordel.*)

## CENA IX

OS MESMOS, *os QUATROS MENINOS RICOS, depois a ILUSTRÍSSIMA, depois o MESTRE-ESCOLA*

1º MENINO – Alto aí! Co boizinho ninguém passa sem *pagá*!

1º MENINO RICO – Menos isso! a gente há de *passá*!

1º MENINO – Cinco *niques* cada boizinho! Dois *niques* para mim , que sou o mais *vêio*, um *nique* pra Juca, outro pra Jojoca e outro pra Cazuzá!

FAUSTINO (*Baixo ao 1º menino.*) – Vê se arranjas também um para mim.

1º MENINO – Venha os *niques* ou sai rolo!

1º MENINO RICO – Tome; não faço caso de misérias. *(Dá os níqueis e passa com o boizinho.)*

1º MENINO – Venha dos outros! *(Os outros pagam e passam).* Agora vamos reparti.

FAUSTINO – Olha lá, não te esqueças!

ILUSTRÍSSIMA *(Voltando)* – Juca! Cazuzza! Jojoca! Tónico! Onde se meteram estas crianças?

JOGATINA *(Á parte)* – Que crianças!

ILUSTRÍSSIMA – Ah! Lá estão eles! Que estão fazendo aí, meninos? *(Vendo o dinheiro)* Níqueis!... Onde arranjam vocês tanto dinheiro?

1º MENINO – Eu tirei nos *cavalinho*, sim, senhora.

2º MENINO – Foi um moço que me deu pra *comprá* bala

FAUSTINO *(Á parte)* – Não me deram nada? Espera! *(Alto.)* É mentira! Não foi nos cavalinhos: foi nos boizinhos... Tiraram de outros meninos que traziam uns boizinhos.

ILUSTRÍSSIMA – Ó atrevidos! ainda bem que lá vem o mestre! Ele é que pode com vocês! *(Ao Mestre-escola, que entra solenemente.)* Seu professor, estes malcriados tiraram dinheiro de uns meninos que vinham com boizinhos.

MESTRE-ESCOLA – Grave!... grave!... muito grave!... Vou suspendê-los do recreio... Estão suspensos! Marche! *(Aponta para fora.)*

OS MENINOS *(Saindo)* – Fomos suspensos! Ih! ih! ih! *(Saem fazendo berreiro. O Mestre-escola e a Ilustríssima saem também.)*

JOGATINA – Vamos, para a barraca! Tratemos da vida! *(Recomeçam os pregões. Animação. Música de charanga. Confusão geral.)*

VOZES – Lá vai começar o fogo!

TODOS – Ao fogo! Ao fogo!... *(Começa a arder uma roda de fogo de artifício. Mutação.)*

## QUADRO XVI

*Em casa do Comendador*

### CENA I

ALEXANDRE, CAROLINA

CAROLINA – Estou comovida, Xandico: é a primeira vez que venho à casa de papai depois de casada.

ALEXANDRE – Há oito dias apenas.

CAROLINA – A nossa primeira visita pertencia-lhe de direito. Ele estará em casa?

ALEXANDRE – É provável; bem sabes que, depois da história do título falso, poucas vezes sai.

CAROLINA – Aquele Faustino, hein?

ALEXANDRE – Não te dizia eu que era um bilontra?

CAROLINA – Bi? Trilontra, digo eu!

ALEXANDRE – O que nos vale é que o júri, a que hoje vai responder, deve dar-lhe uma lição.

CAROLINA – Bem; não fales mais naquele maldito, mesmo porque aí vem papai.

## CENA II

### OS MESMOS, COMENDADOR

COMENDADOR – Ó meus filhos! Que agradável surpresa! Já tencionava hoje ir vê-los... (*Abraça –os*) se apolítica me deixasse. A ascensão do meu partido...do grande Partido Conservador...

CAROLINA – Uê! Papai é conservador?

COMENDADOR – Se sou conserv... se sou conservador?! Homem , essa agora! Fui, sou e serei conservador de princípios, conservador da velha guarda!... Intransigente!...

ALEXANDRE – Ó meu tio... ainda há poucos dias dizia-se liberal...

COMENDADOR – Eu?... Eu dizia-me liberal?... Você está sonhando... Ora eu liberal! Eu, que fui esbulhado por uma câmara liberal !!! Eu? Havia de ter graça!

CAROLINA – Papai é governista ...não é ele que muda, são os governos.

COMENDADOR – Agora é que tu disseste a verdade... Sempre firme no meu posto... O que eu quero é deixar a meus filhos uma pátria moralizada... Ora eu liberal!...

CAROLINA – Papai está todo encasacado... Ia sair?

COMENDADOR – Daqui a pouco. Estou à espera de alguns amigos políticos, que me acompanham desde os bancos acadêmicos.

CAROLINA – Papai nunca andou na academia...

COMENDADOR – Isto é um modo de dizer. Amigos firmes, de todos os tempos, que vêm buscar-me para irmos cumprimentar o novo gabinete, a aurora da regeneração! Já era tempo! Este malfadado país ia de todo à garra com os tais liberais! Sete anos, sete meses e duas vezes sete dias de governo, irra!

CAROLINA – Papai hoje está muito político...

ALEXANDRE – Como sempre!

CAROLINA – ... e nós ainda temos que fazer muitas visitas antes de jantar. Quer ir à noite às quermesses?

COMENDADOR – Não tinha eu mais que fazer.

ALEXANDRE – Pois nós vamos a cinco. Agora é moda.

CAROLINA – Até quando?

COMENDADOR – Até amanhã ou depois. Logo que as coisas entrarem nos seus eixos, irei jantar com vocês.

ALEXANDRE – Adeus, meu tio.

CAROLINA – A benção, papai? (*Beija-lhe a mão e sai com o marido.*)

COMENDADOR – *Deus os acompanhe.*

## CENA III

O COMENDADOR, *depois* UM CRIADO, *depois vários* AMIGOS POLÍTICOS.

COMENDADOR (*Vindo pensativo até a boca da cena*) – Até quando serei conservador? –Oh! desta vez hei de conseguir... já não digo uma pasta, o que, aliás, não seria coisa do outro mundo... mas uma presidência de província ... ou, quando menos, uma subdelegacia na corte... (*Entra um criado, entrega-lhe um ofício e sai*) Bravo!

estou nomeado inspetor de quarteirão! (*Guarda o ofício . Entram os amigos políticos. Trazem todas as casacas vestidas do avesso.*)

1º AMIGO – Barão, estamos prontos!

COMENDADOR – Eu já não sou Barão , meu amigo!

1º AMIGO – Desculpe, não me lembrava.

COMENDADOR – Perdi o título, e para isso não foi preciso reunir o Conselho de Estado.

2º AMIGO – Sabe que se fala em dissolução?

COMENDADOR – Eram favas contadas.

1º AMIGO – Passou a moção dos liberais!

COMENDADOR – Que partido, meus amigos, que partido! Eu sou li... quero dizer: eu sou conservador da velha guarda; mas, se fosse liberal, não votaria por semelhante moção!

1º AMIGO – Está bem , faz-se tarde, e são horas de partir.

2º AMIGO – Vamos, Comendador?

COMENDADOR – Vamos! (*Vão todos a sair*). Ah!esperem. (*Estacam todos . O Comendador despe a casaca e torna a vesti-la do avesso*). Partamos! (*Saem. A cena fica deserta por alguns momentos , findo os quais Faustino entra pelo fundo, mal trajado, de barba crescida e com o olhar desconfiado.*)

#### CENA IV

FAUSTINO, depois a OCIOSIDADE, depois o TRABALHO

FAUSTINO – O júri absolveu-me: estou livre... Escapei arranhando; por uma atenuante que não está no código: porque tive graça... Embora! de hoje em diante procurarei reabilitar-me... Ao sair do júri, encontrei na Praça da Aclamação o Trabalho, que conduzia uma carroça. Desta vez fui eu quem lhe disse: – Um momento! – Aproximei-me dele, e pedi-lhe que me valesse. Prometeu-me tudo, sob uma condição: a de vir pedir ao Comendador que me perdoasse. Eu também sinto que, sem o seu perdão, não poderei resgatar o meu passado. Quando não seja resgatá-lo completamente, ao menos pagar o prémio e reformar a cautela... Maldita Jogatina! Ainda agora passei por ela: lançou-me um olhar de soberano desdém. Pudera! A sua obra está consumada.

OCIOSIDADE (*Entrando.*) – Faustino!

FAUSTINO – TU?! Some-te da minha presença, mulher maldita!

OCIOSIDADE – Vem comigo, e ainda serás feliz!

FAUSTINO – O mesmo já me prometeste um dia... Some-te!

OCIOSIDADE – Vem!

FAUSTINO – Não! (*Estabelece-se uma luta entre os dois.*)

TRABALHO (*Entrando e repelindo a Ociosidade.*) – Para trás!

OCIOSIDADE – Ainda desta vez hei de vencer!

TRABALHO – Para trás! (*A Faustino, que se lhe atira nos braços*). Estás salvo! Só nos braços do Trabalho encontrarás a regeneração.

FAUSTINO– Obrigado.

TRABALHO (*Descendo ao proscênio*) –

Do imortal Vitor Hugo, encarnação da Arte,  
O majestoso vultou encheu da Glória o templo;

Ociosidade vil e estúpida, mostra-te  
Eu quero do Trabalho este sublime exemplo

O truculento Homero, o singular Virgílio,  
E os mais que a glória são da velha Humanidade,  
Lá no divino, eterno e luminosos exílio  
Honram-se de acolher o fúlgido confrade.

Vítor Hugo deixou no coração dos povos  
Um largo e longo sulco astrífero e profundo;  
Os grandes livros seus, eternamente novos,  
São legados em França e dádivas no mundo.

Por berço teve a França estremecida sua,  
Porém por pátria universal, imensa;  
Foi patricio de todo aquele que possua  
Um coração que bate e um cérebro que pensa!

(Aponta para o fundo. Mutação)

## **QUADRO XVII**

*Apoteose a Vitor Hugo*

*(A orquestra executa a Marselhesa.)*

*[(Cai o pano)]*